

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA  
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



**A PASSAGEM DE “O ESPECTADOR”  
O CAMINHO DE TRANSFORMAÇÃO DO MONÓLOGO TEATRAL AO  
ARGUMENTO CINEMATográfico**

---

ANEXOS

MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO DE PROJETO CINEMATográfico  
ESPECIALIZAÇÃO EM NARRATIVAS CINEMATográfICAS

---

Daniel Freitas da Silva

Lisboa, 14 de maio de 2021



O  
espectador

O show não pode parar

---

# Índice

Apresentação.....	- 4 -
Anexo I – Elementos da escrita narrativa .....	- 5 -
Storyline.....	- 6 -
Sinopse.....	- 6 -
Caracterização das personagens.....	- 9 -
Augusto.....	- 9 -
Inês.....	- 10 -
David.....	- 11 -
Gilberto .....	- 11 -
Descrição de espaços .....	- 13 -
Tratamento do filme “O espectador” .....	- 14 -
Primeiro ato.....	- 14 -
Segundo ato.....	- 19 -
Terceiro ato .....	- 24 -
Anexo II - Argumento primeiro ato do filme “O espectador” .....	- 26 -
Anexo III – Peça “O espectador” .....	- 58 -

## **Apresentação**

Ao longo da minha carreira como artista de teatro, sempre tive interesse em desafiar-me: em buscar o “meu teatro”, a minha forma de pensar, produzir e comunicar a minha arte. Mas um Ser inquieto quer mais. Não bastariam os desafios da arte teatral. Seria preciso mergulhar numa outra linguagem, ampliar os conhecimentos e encontrar novas formas de expressar-me. Assim surge a vontade de fazer um mestrado em cinema. Este projeto representa o início desta aventura na linguagem cinematográfica.

No anexo I, apresentam-se os elementos da escrita narrativa, como a *storyline*, a sinopse, a caracterização das personagens, a descrição dos espaços e o tratamento do filme. Estes elementos deram a base para a escrita do argumento do primeiro ato (anexo II). Por último, apresenta-se o texto original da peça “O espectador”, cuja adaptação para o cinema, aqui se propõe (anexo III).

Nesta adaptação, procedeu-se a alteração de um monólogo para uma ação dramática com várias personagens, através da estrutura de três atos. Estrutura esta, que foi escolhida para a organização dos fatos desta história, que foram pensados para uma longa metragem, de género comédia dramática.

Com a certeza, de que este será só o primeiro passo para a concretização desta obra e do processo de aprendizagem sobre a escrita cinematográfica, acredito ter sido uma feliz escolha, pois percebi que a minha relação com o cinema será algo que fará parte dos meus estudos e práticas artísticas de agora em diante.

## **Anexo I – Elementos da escrita narrativa**

## *Storyline*

Augusto, um apaixonado pelo Teatro, decide invadir o palco de uma estreia e tomar o espetáculo para si, na esperança de sentir a admiração das pessoas através dos aplausos.

## **Sinopse**

Augusto é um homem brasileiro de 35 anos, que vive em Portugal com sua mãe Inês e a cadela Clarinha. Além de servir e suportar diariamente o menosprezo de sua mãe, Augusto trabalha em um escritório de contabilidade que detesta. Seu único prazer está em ir frequentemente ao teatro, onde ele consegue esquecer de seus problemas e entregar-se a uma forte sensação de êxtase.

É num espetáculo que acaba atraído pelo ator David, com quem tem um envolvimento sexual. Para além do prazer carnal, David faz Augusto perceber o quão incrível pode ser estar de frente para o público e receber aplausos entusiasmados.

Augusto supervaloriza a relação e acaba tornando-se inconveniente. David acaba por perder o interesse e afasta-se. Já em casa, depois de mais uma sucessão de fracassos e rejeições, Augusto, num acesso de fúria, deita fora o convite da estreia que ganhou de David e fica à procura de alguma solução para o seu desespero. Surge ao seu lado a cadela Clarinha, que traz em sua boca o convite. Augusto é impulsionado a ir atrás da única coisa que o faz feliz.

Dia de estreia. No camarim, atores e encenador estão preparados para o início da peça, até que são surpreendidos pela entrada de Augusto. David e Augusto discutem. Primeiro sinal sonoro para o início da sessão. David afasta-se e vai em direção à coxia do palco. Segundo sinal. Os atores estão posicionados e respiram juntos para manterem a calma. Terceiro sinal. No palco um foco de luz é aceso. David prepara-se para entrar em cena e ao dar o primeiro passo, uma mão segura seu braço. É Augusto, que olha firme nos olhos de David e diz não estar ali por David, mas sim por ele mesmo. Augusto avança e invade o palco, sob os olhares incrédulos do elenco.

Inês, a mãe de Augusto, está sentada a ver TV. Sente-se incomodada por Augusto não ter aparecido para trazer-lhe a refeição e vai até o seu quarto. Lá ela encontra indícios sobre o paradeiro do filho.

Augusto já está no palco e, mesmo inseguro e inexperiente, dá início à sua performance. Nos bastidores, atores e encenador estão desesperados a planear como salvar o espetáculo. Augusto apresenta algumas cenas baseado nos espetáculos que viu, mas os aplausos não acontecem. A plateia apática faz Augusto querer desistir. Mas ao ouvir o ressonar de uma senhora na plateia, ele revolta-se e decide questionar a conduta do público. Augusto fala de sua vida e as expectativas que havia criado para aquele momento. Nos bastidores o encenador pede que os atores entrem e improvisem situações que convençam o louco deixar o palco.

O primeiro a tentar é David, mas Augusto recusa. David dá início a uma disputa física, que começa em uma perseguição e evolui para uma luta. David procura dominar Augusto sem sucesso. O constrangimento torna-se insuportável para David. Olham-se intensamente, até que os outros atores entram para improvisar. Buscam convencer Augusto a deixar o palco de diversas maneiras, mudam várias vezes de cena, para ludibriá-lo. Augusto acaba por divertir-se. Quanto mais improvisações fazem, mais Augusto se sente confiante como ator.

Estão completamente derrotados, e Heloisa, uma das atrizes da peça, pede que os atores a ajudem, quer arrastar o maluco para fora do palco, mas David se nega. Pede que o deixem terminar o que veio fazer e improvisa uma saída. Os outros atores, mesmo contrariados, acompanham-no. Augusto está novamente só no palco. Vira-se para a plateia e decide que é hora de acabar com a apresentação e colher os frutos. O público continua sem se aperceber.

Um espectador começa a questionar a qualidade do espetáculo e mesmo com os pedidos de Augusto para que ele não atrapalhe, o homem levanta-se com sua mulher e decide deixar o teatro. Augusto desespera-se e suplica para que ele não saia. Mas não adianta: o homem parece irredutível e convida o público todo para sair com ele. Nos bastidores elenco e encenador estão desesperados.

Augusto, transtornado, implora e humilha-se. O espectador acha graça e aproxima-se da porta de saída. Antes que ele toque na porta, Augusto chama a sua atenção. O homem vira-se e Augusto tem uma faca em sua mão. Augusto aproveita a atenção do público, diz seu último texto e move com violência o braço que segura a faca em direção ao seu pescoço.

As luzes do teatro se apagam. O teatro permanece em silêncio por um tempo, até que são ouvidas as entusiasmadas palmas.

É um outro dia, novos espectadores procuram seus lugares na plateia. Primeiro sinal sonoro para início da sessão. No camarim, vemos apenas o elenco de mãos dadas, enquanto falam a oração do ator. Segundo sinal. Nos bastidores do palco, a respiração de um dos atores deixa clara a sua ansiedade, suas mãos abrem e fecham constantemente, até que são confortadas pelo toque de outro ator. Augusto olha para o lado e encontra os olhos de David que sorri. Ele brinca que vai avançar, mas Augusto segura seu braço e ambos se divertem. Visivelmente incomodada, Heloisa chama a atenção dos dois. Confere se Augusto não esqueceu-se do bilhete e da faca. Terceiro sinal. A luz que surge no palco invade os bastidores. Os atores se posicionam e respiram juntos. Augusto enxuga algumas lágrimas de emoção e adentra ao palco.

## Caracterização das personagens

### Augusto

Augusto é um homem de 35 anos, magro, com ombros levemente caídos para a frente, que vive num pequeno apartamento em Lisboa. É natural do Brasil, mas veio morar para Portugal com a sua mãe Inês, após a morte de seu pai José. Carrega a culpa pela sua morte, pois foi ele quem fez o pai descobrir que a sua esposa o traia com o vizinho, fato que levou ao suicídio de José e destruiu a família.

A sua mãe decidiu emigrar do Brasil, para fugir de toda a vergonha e humilhação e Augusto decidiu ir com ela, mas os seus irmãos não quiseram e ficaram no Brasil. Nem Augusto, nem sua mãe conseguem manter um contato regular com os irmãos que evitam ao máximo manter qualquer ligação.

Augusto sente-se responsável pela sua mãe, pelo que para além de sempre fazer as compras após o trabalho, organiza os armários, casa e ainda prepara e serve a comida para Inês. A mãe faz questão de sempre deixar claro que a culpa de sua situação é dele.

Ele trabalha num escritório de contabilidade, onde trabalham mais de 20 senhoras e um chefe arrogante. Augusto não gosta nada do que faz, nunca quis algo que tivesse uma rotina fixa durante a semana. Queria algo onde pudesse usar a sua imaginação, mas por pressão da família entrou logo na primeira faculdade que conseguiu ingressar, com isso tornou-se contabilista. Além de fazer o controle fiscal e financeiro de algumas pequenas empresas, por ser o funcionário mais jovem e o único homem, tem a responsabilidade de carregar caixas, servir o café para as outras funcionárias, recolher o lixo das mesas e banheiros. Além de repor, todos os dias, a mesma quantidade de refrigerantes *diet* que ficam no frigobar de seu chefe e jogar fora as beatas de cigarro que ele deixa em seu enorme cinzeiro de vidro.

Sua vida amorosa praticamente não existe, ele sacia o seu apetite sexual através de encontros nas redes sociais de “pegação”, mas são sempre momentos rápidos com desconhecidos. Ele não sabe como se envolver afetivamente e tem medo de sofrer. Frequenta alguns bares gays, mas não se sente muito confortável nestes locais e nem em flertar ninguém.

Seu fascínio é o teatro. Augusto vai todas as semanas e é praticamente a única coisa onde ele não economiza seu dinheiro. É em frente àquela caixa preta que ele esquece seus medos, anseios e culpas, apenas se entrega para a história, a beleza dos corpos dos atores em cena. Sua paixão é tanta que decora cada fala dos personagens dos quais gosta, nem que para isso tenha que assistir ao mesmo espetáculo várias vezes.

Tem muita ansiedade em momentos de decisão. Aparece aceitar tudo o que os outros o mandem fazer, ou discutem com ele, mas no íntimo está a gritar em desacordo. Tem os nervos a explodir, mas sempre controla na frente de outras pessoas, para explodir quando está só.

De uma forma geral é melancólico, sente uma imensa solidão. Com uma sensibilidade bastante intensa, costuma ser introvertido e tende a esconder seus próprios sentimentos.

Assistir ao teatro é a única coisa que tem preenchido sua vida e lhe dado momentos de êxtase. Durante cada apresentação se conecta com algo muito profundo dentro de si, tudo da sua vida some.

## **Inês**

Uma mulher brasileira de 65 anos que foi morar em Portugal após a morte de seu marido, que cometeu suicídio após encontrá-la a ter relações sexuais com o vizinho. Por ter sido alvo de humilhação pela família e conhecidos, ela decidiu ir embora, para evitar ter que passar a vida inteira a encarar as pessoas que conhecia.

Inês nutre uma tristeza e culpa porque os dois filhos mais velhos decidiram ficar no Brasil e evitar a convivência com a mãe. A única pessoa que a acompanhou foi seu filho caçula, o responsável pelo marido ter descoberto tudo.

Ela tem uma relação de ressentimento, raiva, tristeza e amor com seu filho Augusto. Culpa-o por sua vida ter mudado drasticamente, pela vergonha que passou, mas também porque ao olhar para ele acaba por refletir a culpa de seus próprios atos.

Inês passa o dia a falar pelo telefone com a irmã e uma amiga que vivem no Brasil, mas com quem mais fala é a cachorra *poodle* Clarinha, que por conta da idade já está muito fragilizada e com seus dias contados. Com os dias inteiros dentro de casa, Inês sofre com

dores no joelho, pois passa o dia em frente à televisão, assiste a tudo o que passa, principalmente os canais de venda, que são sua paixão.

Possui um pensamento político mais de direita, mas se interessa mesmo é pelo seu bem-estar, sente um forte preconceito por parte de outros brasileiros e detesta ver tantas pessoas de seu país a viver em Portugal.

Inês tem uma postura de pessoa imbatível, mas no íntimo sofre de ansiedade e detesta a vida que leva, por vezes chora sozinha em casa.

## **David**

David é um jovem português de 29 anos nascido no norte de Portugal, mas veio jovem estudar em Lisboa. Demorou um tempo até descobrir o curso que iria fazer, até experimentar fazer teatro, o que o fez licenciar-se em Teatro.

No trabalho divide seu tempo entre os espetáculos da Cia de Teatro da qual faz parte e para complementar seu ordenado faz vários outros trabalhos como ator, seja em animação de festas, publicidade ou espetáculos de outras produções.

David é, geralmente, muito calmo, um homem elegante, simpático e sedutor, costuma usar seu charme quando quer algo. Tem uma vida sexual agitada, mas dificilmente se envolve afetivamente. Das poucas vezes nas quais se entregou, não foi correspondido e sofreu bastante.

Seu sonho é conhecer o mundo, pegar uma mochila e ir para longe, mas não consegue se organizar para isto. Afinal, sempre aparece uma nova proposta de teatro que acha interessante e acaba por ficar, até então, em Portugal.

## **Gilberto**

Gilberto é um encenador português de 42 anos, que vem de uma família de médicos, pai, mãe e a irmã mais velha, todos bem-sucedidos. Gilberto é tido como o artista da família, o sonhador tardio, que ainda não percebeu que sua profissão não lhe dará uma velhice confortável, e por isso, precisará sempre do dinheiro da família.

Durante a adolescência, Gilberto achava que poderia ser ator. Havia feito inúmeros cursos de atuação, além de tentar ter uma carreira como ator, mas sempre sem sucesso. Eis

que um dia Gilberto é convidado a ser encenador amador, de um grupo de idosos da Freguesia onde morava. Foi nesta experiência, que acreditou ter encontrado sua vocação.

Gilberto, tem tentado continuamente, emplacar algum sucesso nos palcos. Mas até hoje só teve êxito em uma experiência. Com o passar do tempo, seu nome tem sido esquecido e ele não tem mais conseguido nenhum subsídio para os seus espetáculos.

A vida sentimental de Gilberto é um tanto complicada. Ele é homossexual, mas não assumido. Enquanto todos na família perguntam sobre suas futuras namoradas, ele apenas desconversa. Tem encontros com homens através de aplicativos de relacionamento, além de também se relacionar, secretamente, com jovens atores.

Toda esta tensão entre sua sexualidade, sua situação econômica e sua busca por êxito artístico, faz com que o temperamento de Gilberto seja muito explosivo. É um encenador impaciente, por vezes arrogante, duas coisas que mascaram a sua insegurança.

Por acreditar que pode ser visto como um grande encenador e provar para todos que é uma pessoa de sucesso, Gilberto arrisca-se a produzir um novo espetáculo. Ele então pede um empréstimo bancário e busca o apoio de alguns atores que aceitam ensaiar sem salário, apenas pelas promessas de uma grande bilheteira.

Seu maior sonho é conseguir viver do seu trabalho como encenador. Ser tão conhecido e respeitável a ponto de sempre conseguir subsídios para os seus projetos, e assim, não precisar mais da ajuda da família. Quer ter certeza de que fez a escolha certa para a sua vida.

## Descrição de espaços

Para o desenvolvimento da ação, serão utilizados os seguintes locais ficcionais:

- Teatro: um teatro de grande porte. Que tenha tanto uma área externa chamativa e imponente, como um espaço interno de teatro clássico. Palco grande e mais alto que a plateia central, coxias laterais bem espaçosas e uma plateia confortável. Ex. Teatro Dona Maria, Teatro São Luis, entre outros.
- Camarim: Um camarim antigo e de bom tamanho. Que possua um grande espelho, rodeado por lâmpadas.
- Escritório de contabilidade: escritório grande, com várias mesas de trabalho e repartições.
- Apartamento da mãe: Um apartamento T2, com decoração antiga.
- Apartamento David: Um pequeno T1, com poucos móveis. Decoração feita com coisas aleatórias, nada muito pensado. Com móveis que parecem ter sido doados.
- Bar: Um pequeno bar, que possua poucos lugares para sentar-se à mesas, além de um balcão, onde as pessoas ficam de pé. É importante que este mesmo bar tenha uma montra, que seja possível ver de fora quem está dentro.
- Metro.
- Ruas do centro de Lisboa.

## Tratamento do filme “O espectador”

### Primeiro ato

Fim de tarde, Lisboa é vista de cima, a partir da margem sul. O rio, os prédios e as ruas movimentadas. Augusto, 35 anos, apressa-se para chegar no seu destino, enquanto reveza o caminho entre ver as horas e ajeitar a sua roupa e o seu cabelo.

Ao chegar em frente ao teatro, ele observa o cartaz do espetáculo “Navalha na carne”, de Plínio Marcos. Augusto acompanha a movimentação das pessoas e também entra no teatro.

Sentado na plateia, Augusto segura com apreço o programa da peça. Ao seu lado, uma mulher ainda está a digitar compulsivamente em seu telemóvel. Augusto desliga seu *smartphone* e ajeita-se algumas vezes na poltrona, como em um ritual. Um casal senta-se do seu outro lado e ele apenas os observa. Ouve-se o sinal de que a apresentação irá começar. Augusto faz questão de deixar claro para a mulher ao seu lado de que a mesma deveria desligar seu telefone e ela constrangida, assim o faz.

Apagam-se as luzes da plateia e um foco de luz surge no meio do palco. Num cenário de hotel decadente, está em cena o ator David, um homem atlético de 29 anos, que interpreta *Vado*. Ele está deitado numa cama, enquanto lê uma banda desenhada. A atriz Laura, interpreta *Neusa Sueli*, mulher com seus 50 anos, que entra em cena visivelmente cansada e vestida com roupas de prostituta pobre.

Os olhos de Augusto estão atentos, acompanham toda a movimentação em cena. O interesse por aquilo que está a acontecer aumenta cada vez mais e as emoções provocadas pelas cenas são transmitidas pela expressão do olhar de Augusto que altera-se constantemente.

No palco, Laura (Neusa) está caída no chão a chorar, após ter sido humilhada por David (Vado). O texto que ela diz emociona Augusto, “Às vezes chego a pensar... será que eu sou gente? (T) Duvido que gente de verdade viva assim.”.

Augusto, acha muito bom estar a vivenciar tudo aquilo. Seus olhos enchem-se de lágrimas enquanto assiste ao final do espetáculo.

O público começa a sair do teatro, mas Augusto permanece sentado, a olhar para o palco por um tempo, até ser convidado pelo zelador a retirar-se. Augusto sai do teatro, apanha seu telemóvel e percebe que existem cinco chamadas não atendidas de um contato chamado *prisão*.

Os atores saem por uma porta lateral do teatro e são recebidos por algumas poucas pessoas que querem tirar fotografias com os atores. Augusto pensa em fazer o mesmo, mas quando finalmente chega a sua vez, seu telemóvel recebe uma chamada e todos ouvem um toque esquisito de sirene. Ele afasta-se envergonhado e atende, fala com sua mãe e diz que logo estará em casa.

Augusto entra na casa na qual vive com a sua mãe Inês. Uma mulher de 65 anos, baixa, um pouco acima do peso e com os cabelos, visivelmente pintados de loiro. Inês está sentada a *zapear* a TV. No sofá, ao lado de Inês está a cadela Clarinha, uma *poodle* velha.

Augusto organiza as compras no armário da cozinha, prepara uma sandes, uma meia de leite e leva até sua mãe. Inês pega sem dizer nada e sequer olha Augusto. Ela dá a primeira mordida, faz uma cara de descontentamento e reclama da qualidade do pão, mas continua a comer e a beber seu café.

Sentado em uma poltrona, ao lado de sua mãe, Augusto observa a forma como ela come, as migalhas a caírem, a mão a trocar de canal, o barulho que ela faz ao beber o líquido e a cadela que apenas arfa. A mãe termina de comer e coloca o prato ao lado de Clarinha, que lambe as migalhas do prato. Inês acende um cigarro e reveza, quase em um malabarismo, o cigarro, a meia de leite e o controle da TV. Ela reclama que o irmão de Augusto não atende e nem retorna suas ligações.

Augusto mantém o silêncio, mas Inês sem olhar em sua direção, questiona-o sobre suas idas ao teatro, que na opinião dela, mais parecem uma forma de desperdiçar dinheiro. Sugere que o melhor seria dar este dinheiro para ela, já que a pensão do falecido marido não é suficiente para quase nada. Augusto decide ir dormir e despede-se da mãe com um beijo, mas ela não reage.

Ao entrar no seu quarto, que tem diversos cartazes de espetáculos colados nas paredes, Augusto guarda o programa da peça numa gaveta, junto com outros programas de peças. É possível perceber alguns dos espetáculos, como “Édipo Rei” de Sófocles,

“Macbeth” de Shakespeare, “Leonor Mendonça” de Gonçalves Dias e “Fim de partida” de Beckett.

Sozinho em sua cama a olhar para o teto, Augusto respira profundamente. Sua expressão muda, ele então repete a fala que havia ouvido no Teatro: “Às vezes chego a pensar... será que eu sou gente? (T) Duvido que gente de verdade viva assim.” Ele adormece.

No escritório de contabilidade onde trabalha, Augusto faz cálculos, carrega caixas e volta a fazer cálculos. Ele serve café para as vinte senhoras que trabalham na mesma repartição. Na sala do chefe, dominada pela fumaça do cigarro, ele organiza as bebidas no frigobar, enquanto observa os lábios imensos e a baba que escorre no canto da boca durante a fala do chefe ao telefone.

À noite, Augusto passa mais uma vez na rua do teatro. Ele para e vê a movimentação das pessoas a entrar. Decide ir embora, mas não resiste e volta atrás. No final da apresentação, Augusto divide sua atenção entre os agradecimentos dos atores, principalmente David, e a vivacidade com que os espectadores aplaudem. Mais tarde, os atores saem de dentro do teatro e Augusto observa-os. Os atores seguem em direção a uma rua, e sem que se apercebam, são seguidos por Augusto.

Dentro de um bar, enquanto David e seus colegas riem e conversam, são observados por Augusto que está parado no balcão. David, subtilmente, nota que está a ser observado, mas disfarça. Após Augusto perder os atores de vista, ele sai do bar e acaba por encontrar David do lado de fora a fumar. Augusto não sabe o que fazer. David apaga o cigarro, olha para Augusto e cumprimenta-o com um sorriso. Augusto sorri, meio constrangido. Eles conversam brevemente e é nítido o interesse de ambos. David acaba por convidar Augusto para ir até sua casa e eles seguem em um clima de excitação.

No seu apartamento, David oferece uma taça de vinho para o seu convidado e procura conhecê-lo um pouco mais. Augusto esquiva-se e busca saber os motivos que levaram David a tornar-se ator. Após a visível admiração de Augusto, em relação ao teatro, David decide mostrar um pouco da sensação de se estar em cena para Augusto. Parado atrás de Augusto, David sussura-lhe e o faz perceber o quão incrível pode ser estar de frente para o público e receber as poderosas e comoventes palmas. David aos poucos retira lentamente as roupas de Augusto. De frente, um para o outro, o beijo acontece.

Enquanto o ato sexual está a acontecer, Augusto tem um delírio. Ele os imagina com a cama em cima do palco. Uma luz é direcionada sobre eles, seus corpos deslizam um pelo outro. Augusto, abre sua boca num gesto de imenso êxtase sexual e então ouve-se o som de aplausos.

Na casa da mãe, após preparar novamente sua sandes, Inês percebe algo diferente em seu filho. Ela questiona-o para saber do que se trata, mas ele desconversa. Desconfiada, Inês permanece em silêncio por um tempo, até que diz esperar que esta alegria não seja uma pessoa, pois como ele sabe bem, as pessoas decepcionam as outras.

Enquanto isso, no teatro, os atores David, Heloísa e Renato ensaiam um novo espetáculo, perante o olhar, nada contente do encenador Gilberto. O encenador não gosta do que vê e interrompe o ensaio. Gilberto deixa claro que falta comprometimento dos atores e explica a falta de subsídio. Ele também relembra o empréstimo bancário que precisou fazer para pagar a produção do espetáculo e que por isso, precisam de uma grande estreia.

Os atores saem do teatro após o final do ensaio. David avista Augusto, acha estranho e vai em sua direção. Eles têm uma conversa breve e ficam por um momento em silêncio. David está um pouco desconfortável, comenta que está a ir com os colegas beber uns copos e Augusto entende como um convite.

Enquanto, os atores conversam sobre os ensaios e suas carreiras, Augusto assiste a tudo admirado, gosta muito de ouvir estas histórias. Seu interesse é tão intenso, que causa desconforto nos atores. No fim, David diz não poder ficar com ele nesta noite, pois precisa acordar cedo. Mas antes de sair, ele sente compaixão e acaba por beijar Augusto. David entrega um convite para a estreia do seu espetáculo e vai embora.

Augusto abre os olhos e está sentado na plateia do teatro, com o público todo a olhar para si. Ele apercebe-se que os três atores estão em sua frente e convidam-no para subir ao palco com eles. Augusto recusa com um gesto, tem vontade de subir, mas não coragem suficiente. Os atores insistem, sorridentes, assim como, as pessoas à sua volta na plateia. Augusto começa, ainda com receio, a esticar sua mão para ir de encontro à mão do ator. Ele escuta subitamente o som do seu despertador e acorda.

Augusto está deitado no chão e sente um desconforto no corpo. Ele procura pelo número de David e faz uma ligação. Espera por uns instantes, mas como David não atende, ele desliga.

No escritório de contabilidade, está simplesmente parado com o telefone na mão. Augusto levanta-se e vai até à casa de banho. Sentado na sanita, faz uma ligação para David, mas ele não atende. Augusto está nervoso e acaba por morder suas mãos na tentativa de acalmar-se.

De volta à sua secretária, Augusto coloca o telefone ao seu lado, pega o convite e fica a olhar para ele. O chefe aparece em frente à sua mesa, Augusto não tem interesse em olhar, mas ele o humilha por conta de um cálculo errado. Augusto não escuta a sua voz, apenas ouve um pequeno zunido.

Em um determinado momento, uma gota de saliva do chefe cai em cima do convite. É o limite. Ele levanta-se e caminha pela sala, derruba várias caixas e papéis, sob o olhar assustado das senhoras e do chefe.

Na rua, Augusto anda depressa e começa a chover. Enquanto ouve-se o som da respiração de Augusto, vemos os atores no último ensaio antes da estreia.

É noite e chove do lado de fora do teatro. Augusto está parado do outro lado da rua a molhar-se. Segundo seu ponto de vista, os atores, encenador e produtora saem do teatro. Renato assusta-se e faz um sinal para que David olhe na direção de Augusto. David olha-o, fica constrangido, mas decide ir embora com seus colegas.

Na sala de casa, Augusto está a olhar para o convite em sua mão, enquanto a mãe ironiza sua aparente frustração. Augusto amassa com raiva o convite e joga-o no chão. Assustada, Inês olha para o filho com preocupação, mas logo disfarça. Augusto percebe e senta-se no chão, com a cabeça encostada na perna de sua mãe. Ela mantém-se imóvel. Augusto coloca a mão de sua mãe sobre sua cabeça e tenta forçar um carinho. Inês retira a mão e passa a acariciar a cadela.

Augusto vai à cozinha. Depois de procurar em vão por remédios, acaba por abrir uma gaveta e encontrar uma grande faca. Surge na cozinha a cadela Clarinha, que traz na boca o convite amassado.

Dia de estreia do espetáculo da trupe. Os atores dão os últimos retoques, enquanto conversam sobre a insegurança em relação à qualidade do espetáculo que será apresentado, além de descobrirem que tanto um crítico importante estará presente, quanto um produtor de elenco. Em seu quarto, Augusto prepara sua mochila com algumas coisas, faz anotações em

um pequeno pedaço de papel e corta pequenos pedaços dos vários cartazes de peças que ele tem em suas paredes.

Nos bastidores, o encenador certifica-se de estar tudo preparado. Após surpreender o técnico de luz a jogar no telemóvel durante o ensaio, pede que ele desligue o telefone antes do início da apresentação. Em frente ao teatro, muitas pessoas esperam na fila para assistirem ao espetáculo. Augusto passa pelo público e infiltra-se dentro do teatro pela porta lateral. No camarim, atores e encenador estão concentrados, enquanto terminam o ritual da oração do ator, até que são surpreendidos pela entrada de Augusto.

David e Augusto discutem. Primeiro sinal para o início da sessão. Augusto pede por um momento, mas o ator diz não ter nada com ele e exige que ele vá embora. David afasta-se e vai em direção à coxia do palco. Segundo sinal. Os atores estão posicionados e respiram juntos para manter a calma. Terceiro sinal. No palco um foco de luz é aceso. No instante do início do espetáculo, Augusto avança e invade o palco, sob os olhares incrédulos do elenco.

## **Segundo ato**

Inês está sentada a ver TV. Sente-se incomodada por Augusto não ter aparecido para trazer-lhe a refeição. Ela decide ligar para ele, mas escuta o som de uma sirene e desliga. Acha estranho, vai até a janela à procura da ambulância. Não encontra nada e volta a ligar, novamente o som de sirene. Ela percebe que o som vem de dentro de sua casa, mais precisamente do quarto de Augusto. Ela acompanha o som, abre a porta do quarto e vê o telemóvel de Augusto em cima da cama, a receber uma chamada do contato “Prisão”.

Inês sente-se estranha e olha para o estado do quarto, muitas coisas espalhadas pelo chão e na parede e um cartaz feito à mão, com recortes de outros cartazes e uma foto de Augusto no centro. Na descrição estão hora e local, além da indicação de ser a primeira e última grande apresentação de Augusto.

No palco surge um foco de luz no centro. Um homem entra apressado e coloca-se no meio deste foco. É Augusto, com uma respiração muito acelerada. Na tentativa de acalmar-se, ele abre e fecha as mãos repetidamente. O encenador está no fundo do palco e parece não acreditar no que está a ver. Liga para o técnico, mas o mesmo tem o telemóvel desligado.

Nos bastidores os atores estão em choque, não sabem como proceder e acabam discutindo entre si. Heloísa culpa David por ter deixado o louco entrar, enquanto David defende-se. Renato diz que deveria ter deixado para convidar o produtor de elenco para o segundo dia, o que desespera Heloísa ainda mais.

Augusto está a olhar para o público, parece ter esquecido o que iria fazer naquele momento. Ele, então, tira do bolso um pequeno papel, onde tem escritos os nomes de vários espetáculos aos quais já assistiu. Lê com atenção e busca em sua memória relembrar das falas que havia programado. Enquanto isso, o encenador corre em direção à cabine técnica. Quer apagar as luzes antes que o intruso diga alguma coisa.

Ao chegar na presença do técnico, reclama da sua falta de atenção, pois não é possível que não tenha percebido que o espetáculo havia sido invadido. Gilberto pede que ele faça imediatamente o *blackout*, mas o técnico não entende a urgência, diz que o espetáculo acabou de começar. O encenador então avança para a mesa de luz, mas já é tarde, Augusto está a falar seu primeiro texto clássico.

No palco, ainda muito inseguro, Augusto diz uma parte da peça “Leonor Mendonça”, de Gonçalves Dias. Ele termina e espera pelos aplausos. Mas a plateia está apenas a olhar passivamente para ele. Nos bastidores a atriz Heloísa chora, diz estar a perder a grande oportunidade da sua vida, pois a presença do produtor de elenco na plateia faria a vida dela mudar de uma vez por todas. Renato ironiza o gosto de David para romances.

Augusto sente-se perdido por não ter recebido aplausos. Ele então busca outra cena em sua programação. Agora faz com mais energia, experimenta falar ainda mais alto e a mexer um pouco os braços. Na cabine técnica, Gilberto tenta achar uma solução e aponta algumas hipóteses. O técnico sugere interromper a apresentação e avisar ao público. Enfurecido, o encenador enfatiza que colocou todas as suas economias e esperanças nesta estreia, que o crítico presente iria destruir sua carreira e que por amar tanto o teatro, jamais poderia interromper uma apresentação, pois o “*show* não pode parar”.

Augusto termina mais uma cena com uma sensação muito desconfortável, mas que acredita ser muito poderosa para a performance. Mais uma vez nada acontece. O público permanece apático. Sua insegurança começa a dar lugar a um incômodo. Ele anda de um lado pra outro a resmungar sua insatisfação, enquanto encara cada pessoa da plateia. Augusto

tem a ideia de cantar, prepara a sua voz, tira da mochila uma garrafinha de água, faz um gargarejo, posiciona-se e canta a música de um musical famoso.

Na coxia a atriz Heloísa escuta a música e fica furiosa. Decide invadir e tirar o louco a bofetadas do palco, mas os outros atores seguram-na. Precisam esperar pelas indicações de Gilberto para que o espetáculo possa ser retomado da melhor maneira possível. Todos se perguntam, 'o que está o encenador a fazer que ainda não resolveu este problema?'

Enquanto escuta o invasor a cantar no palco, Gilberto busca a estagiária de produção pelos bastidores. Quando a encontra, ela diz estar ocupada a preparar o coquetel da estreia. Gilberto explica de maneira trágica que se eles não fizerem alguma coisa, não haverá coquetel, pois não haverá espetáculo e muito menos vida profissional. A estagiária Kelly percebe a situação e a pedido de Gilberto, vai com seu telefone até à coxia para ser a ponte de comunicação entre atores e encenador.

Augusto termina de cantar, está emocionado, tem certeza de que fez uma grande performance e permanece de olhos fechados à espera dos aplausos. Nada acontece. Ele olha desolado para o público, a plateia está com um aspeto de desinteresse, é nítido o desagrado com a encenação que estão a ver. O silêncio é mortal e Augusto não sabe mais o que fazer.

Aos poucos é possível ouvir o som baixo de um rressonar. Augusto percebe que o som parece vir da plateia. Ele começa a investigar quem poderia ter tido a audácia de dormir durante a sua apresentação. Eis que uma senhora está muito bem acomodada em sua cadeira, ela tem a cabeça encostada no ombro de outro espectador, que inclusive está muito incomodado com a situação. Ela dorme e rressona de maneira muito tranquila.

Augusto sente-se desolado, olha para os atores na coxia com uma expressão de derrota. Nos bastidores o elenco sente esperança. A partir da indicação do encenador, preparam-se para assumir o espetáculo. Augusto começa a recolher sua mochila, até que escuta risos de crianças. Ele procura por elas no teatro, mas só vê a plateia e a senhora a rressonar. Augusto volta a ouvir as risadas, mas não consegue perceber de onde elas surgem. Fecha, então, os olhos, as risadas estão dentro da sua cabeça. O som do riso das crianças acaba por ser transformado em outros risos. Vê a imagem de David, dos outros atores, das pessoas do seu antigo emprego, de sua mãe, todos estão a rir do seu fracasso.

Um grito estridente sai da boca de Augusto. Na plateia a senhora acorda. Ele então vai até sua direção e começa a aplaudir a mulher. Augusto incentiva que mais pessoas o

acompanhem nas palmas. Os espectadores aplaudem com um certo desconforto. A senhora sente-se constrangida, mas agradece os aplausos. Augusto encerra as palmas. Ele olha para aquelas pessoas à sua frente com um tom desafiador. Pega uma cadeira no cenário e senta-se na boca de cena. Augusto passa a encarar o público, como se estivessem numa competição.

Ele diz ao público o quão estranha parece a falta de reação deles. Afirmo que de certa forma, ele havia se preparado para aquele momento durante toda a sua vida, mas não está a acontecer da maneira como ele havia imaginado. Acha que o olhar do público é desrespeitoso e cruel. Augusto questiona o gosto do público, pois apresentou textos de espetáculos grandiosos, obras primas que ele pode assistir ao longo dos seus muitos anos como espectador assíduo do teatro.

Nos bastidores os atores acham aquilo ridículo, culpar o público pela merda que ele está a fazer. Na cabine técnica, Gilberto arranca os poucos cabelos que lhe restam, enquanto o técnico observa-o e mastiga sua pastilha elástica. Na plateia algumas pessoas conversam discretamente entre si. Umas chegam a ler o programa do espetáculo, para tentar entender que peça é essa.

Augusto volta-se novamente para as suas anotações, mas desiste. Sem saber mais qual texto apresentar para aquelas pessoas, ele começa a falar da sua vida. Conta da primeira tentativa, ainda criança, de fazer teatro. Mas explica o quão cruel pode ser a infância. Fala sobre a relação conturbada com os pais. Relata as incontáveis surras que havia levado por ser diferente do irmão, por não ser o modelo de filho esperado por todos.

A plateia começa a dar sinais de interesse. Augusto observa que as pessoas o escutam com mais atenção. Ele então continua, entusiasma-se e descreve o velório do pai, quando decidiu apresentar-se para animar a família com uma performance, mas no fim, acabou por despertar ainda mais ódio e desprezo de sua mãe. Não sabia se havia sido desencadeado pelo fato de estar a usar um vestido dela no velório, ou pelo pai ter morrido após Augusto contar sobre sua traição com o vizinho. Ele imagina que a causa tenha sido mesmo o vestido.

Algumas pessoas da plateia soltam tímidas risadas. Augusto não percebe o motivo, mas gosta de obter alguma reação daquelas pessoas. Na cabine técnica, Gilberto tem uma ideia. Liga para a produtora e avisa para os atores entrarem em cena e a partir da

improvisação, tirarem o maluco do palco. Nos bastidores Kelly transmite a ordem, mas os atores entram numa disputa de quem será o infeliz que irá resolver esta situação.

No palco, eis que surge David. Augusto percebe que a plateia olha em outra direção e descobre o ator na outra extremidade. Ambos ficam a se olhar por um tempo. David dá um passo em sua direção e Augusto recua um passo. David dá novamente outro passo e Augusto recua outra vez. David decide iniciar um diálogo, dá a ideia de que os dois deveriam desbravar o mundo juntos. Eles deveriam sair pelas ruas de Lisboa e viverem uma grande aventura. Mas Augusto sorri e afirma já estar a viver a maior aventura de sua vida.

David, sem saber mais o que dizer, vai em direção a Augusto e tenta abraçá-lo, mas ele passa por baixo dos braços de David e foge. Na plateia, novos risos. O ator irritado, vai em direção a Augusto, mas ele continua a fugir. Eles correm pelo palco. Na coxia, Heloísa pergunta para Renato se ele sabe o que David está a fazer e Renato responde que não tem a menor ideia. No palco, os dois continuam em perseguição. David consegue alcançar Augusto e segura-o com força, mas é arrastado pelo chão por Augusto. Mais pessoas riem. Eles travam uma luta. David procura dominar Augusto, mas o desafio é grande. Augusto não cede e a disputa acontece, até que o constrangimento torna-se insuportável para David.

Augusto e David olham-se intensamente e por um momento existe uma troca de ternura entre eles, mas que rapidamente é interrompida pela entrada dos outros atores. Eles buscam convencer Augusto a deixar o palco de diversas maneiras, mudam várias vezes de cena, para que com isso possam ludibriá-lo. Mas Augusto acaba por divertir-se. Quanto mais improvisações, mais Augusto sente-se confiante como ator.

Estão completamente derrotados e Heloísa pede que os atores a ajudem, quer arrastar o invasor para fora do palco, mas David se recusa. Pede que o deixem terminar o que veio fazer e improvisa uma saída. Os outros atores, mesmo contrariados o acompanham. Augusto está novamente sozinho no palco. Vira-se para a plateia e decide que é hora de acabar com a apresentação e colher os frutos. Volta-se novamente para o seu papel e lê a indicação de grande final: “Fim de partida” de Beckett.

Augusto concentra-se, respira fundo e abre a boca para dizer as palavras, mas é interrompido por um resmungo de um homem da plateia. Augusto avisa que o homem está a atrapalhar o grande final que ele preparou. O homem irrita-se ainda mais por ter sido advertido na frente das pessoas. Ele comenta com a mulher ao seu lado que está a detestar

tudo aquilo. Augusto começa a preocupar-se com o que está a passar e pede que os dois se calem. O homem indignado levanta-se e diz ser esta a razão pela qual odeia teatro contemporâneo. Ele manda a mulher levantar-se com ele e os dois vão em direção à saída.

### **Terceiro ato**

Augusto desespera-se e pede para que ele não saia, promete que tudo irá melhorar, bastaria que todos se unissem. Mas não adianta, o homem parece irredutível e chega a convidar o público todo para sair com ele. Na cabine técnica Gilberto desespera-se, não sabe mais o que fazer. Nos bastidores Heloisa e Renato olham desolados para David, que se sente culpado. Augusto está transtornado e exige que o homem volte a sentar-se e que não o obrigue a fazer algo drástico. O homem acha graça e provoca ainda mais Augusto: fala sobre sua voz esganiçada, irritante e da sua falta de talento.

Augusto implora e humilha-se, precisa que ele retorne ao seu lugar, que as pessoas ouçam o que ele tem para dizer, que vivam aquilo com ele e que no final, demonstrem a sua admiração. Mas o homem não dá nenhuma atenção e se aproxima da porta de saída. Antes que ele toque na porta, ouvimos o grito de Augusto a chamar a sua atenção. O homem vira-se. Augusto tem uma faca em sua mão e aponta para o homem, que acha aquilo estranho, mas interessante. Algumas pessoas na plateia mexem-se nas cadeiras. Nos bastidores os atores estão assustados, David tem medo de que Augusto faça uma desgraça. Gilberto, por sua vez, expressa interesse por aquele momento e pede que o técnico coloque uma luz dramática. No palco e na plateia a tensão está instaurada. Augusto mantém seu olhar fixo no espectador, enquanto é desafiado por ele.

Augusto pede que o homem retorne ao seu assento, assista ao final e o aplauda, como um bom espectador. O homem sente-se confiante e ridiculariza a faca. O restante do público tem a atenção dividida entre os dois e Augusto percebe que eles estão a simpatizar com o seu inimigo. Com uma expressão sádica, o homem volta a dirigir-se lentamente para a saída. Augusto então leva a faca lentamente em direção ao seu pescoço. Enquanto o faz, observa o público. Tem agora todos os olhos direcionados para si.

Na porta de saída, o homem mantém a mão esticada, mas não sabe mais o que fazer, pois não tem certeza se o sujeito em cima do palco está a atuar. Ouve-se a respiração ofegante

de Augusto. Ele não pode recuar, então segura a faca com mais força. Engole a saliva e diz seu texto final, enquanto prepara-se para avançar com a lâmina.

“Às vezes digo a mim mesmo, você precisa aprender a sofrer melhor, se quiser que parem de te punir, algum dia. Às vezes me digo, você precisa melhorar, se quiser que te deixem partir, algum dia. Mas me sinto velho demais, e longe demais, para criar novos hábitos. Bom, isso nunca acabará, nunca vou partir. (Pausa) E então, um dia, de repente, acaba, muda, não entendo nada, morre, ou morro eu, também não entendo. É assim mesmo. (Pausa) Quando eu cair, chorarei de felicidade.” Augusto fecha os olhos e move com violência o braço que segura a faca. As luzes do teatro se apagam. O espaço permanece nas escuras por um tempo, até que aos poucos é possível ouvir pequenas palmas que se transformam em muitas palmas entusiasmadas.

É um outro dia. Kelly está a andar de um lado para o outro, não sabe ao certo o que fazer. Gilberto a segura pelo ombro e diz que tudo tem que ser feito como na noite anterior, ela fica confusa, ele reafirma que tudo deve ser feito da mesma forma. Ele afasta-se e vai em direção à cabine técnica. Ao entrar, o técnico desliga rapidamente o telemóvel. Gilberto respira fundo e finge que não viu. Primeiro sinal sonoro para o início do espetáculo. No camarim, vemos as mãos dadas do elenco, enquanto falam a oração do ator. Eles terminam e é visível a movimentação em direção aos bastidores do palco.

Na plateia, muitas pessoas a entrar no teatro estão a procurar por seus lugares. Segundo sinal. Nos bastidores, a respiração de um dos atores deixa clara a sua ansiedade, suas mãos abrem e fecham constantemente, até que são confortadas pelo toque de outro ator. Augusto olha para o lado e encontra os olhos de David que sorri. Ele brinca, fazendo de conta que vai entrar em cena, mas Augusto segura seu braço e ambos se divertem. Heloísa, visivelmente incomodada, chama a atenção dos dois. Pergunta se Augusto não esqueceu nada, ele confere e mostra em um bolso o papel e no outro a faca. David o adverte para ter cuidado. Terceiro sinal. As luzes da plateia são apagadas e no palco surge uma luz que invade os bastidores. Os atores se posicionam e respiram juntos. Augusto olha por um tempo o palco a sua frente, ele enxuga algumas lágrimas de emoção, ajeita o seu cabelo e adentra ao palco.

Fim.

**Anexo II - Argumento primeiro ato do filme “O espectador”**

EXT. LISBOA/RUA - FIM DE TARDE

Lisboa é vista de cima a partir da margem sul: o rio Tejo, o Terreiro do Paço, as colinas de Lisboa, o Castelo de São Jorge e os prédios são inundados pela bela luz do entardecer da capital Lusitana.

A imagem que percorre a cidade do alto, vai aproximando-se das ruas e é visível o grande movimento, onde as pessoas saem dos seus trabalhos e deslocam-se para diferentes zonas.

EXT. RUA - FIM DE TARDE

Os pés de um homem que caminha apressado pela calçada, cruzam com outros pés que andam mais devagar e com outros que estão parados, ou que seguem na direção oposta.

Vemos AUGUSTO, homem de 35 anos, que além da mochila nas costas, leva consigo um saco de compras de supermercado. Enquanto apressa-se para chegar ao seu destino, ele reveza o caminho entre ver as horas e ajeitar a roupa e o cabelo. Sua ansiedade é visível.

EXT. TEATRO - NOITE

Augusto para em frente a um teatro e aproxima-se do cartaz da peça "NAVALHA NA CARNE", de Plínio Marcos e contempla por um tempo os rostos dos atores.

A sua atenção muda e apercebe-se das pessoas a entrarem no teatro. Augusto ajeita-se mais uma vez e vai em direção à movimentação das pessoas.

INT. TEATRO - NOITE

Ao entrar na plateia do teatro, Augusto segura com cuidado o programa da peça. Ele procura entusiasmado pelo seu lugar, encontra-o e senta-se numa poltrona. Do seu lado direito, uma mulher está a DIGITAR compulsivamente no seu telemóvel. Ele cumprimenta-a com um gesto, mas ela não se apercebe.

Augusto coloca o saco com cuidado no chão, retira a mochila e depois o casaco, desliga o telemóvel, coloca a mochila no meio das pernas e ajeita-se algumas vezes na poltrona. Tudo é feito como um ritual, até sentir-se confortável.

SOM DO PRIMEIRO SINAL, ele está a postos. Augusto aproveita e arruma mais uma vez o cabelo.

Algumas pessoas ainda procuram pelos seus lugares, o que inquieta um pouco Augusto.

Um homem chega com a sua esposa e sentam-se do lado esquerdo de Augusto, ele apenas olha pelo canto dos olhos.

O casal demora a acomodar-se, conversam coisas banais que Augusto nem presta atenção no assunto, mas sente-se incomodado com a falta de silêncio e concentração. Augusto respira profundamente, na intenção de manter a calma.

SOM DO SEGUNDO SINAL.

O casal cala-se e todos ficam à espera do início do espetáculo, e com isso, o rosto de Augusto transparece contentamento.

A mulher à sua direita, ainda DIGITA com entusiasmo. Por vezes emite PEQUENOS RISOS. Augusto olha na direção da mulher de maneira enfática. Ela acaba por perceber e ele direciona um olhar de reprovação para seu telemóvel. A mulher constrangida desliga e guarda o telemóvel na mala.

Apagam-se as luzes da plateia.

TERCEIRO SINAL.

Um foco de luz surge no palco, existe um cenário de quarto decadente de hotel barato, estilo final dos anos 60. O ator português DAVID, um homem alto, porte atlético de 29 anos, que interpreta a personagem Vado, está deitado de cuecas na cama, a ler uma banda desenhada.

A personagem Neusa Sueli, interpretada pela atriz brasileira LAURA de 50 anos, entra em cena visivelmente cansada, vestida com roupas de prostituta pobre.

LAURA (NEUSA SUELI)

"Oi, você tá aí?"

DAVID (VADO)

(A fazer sotaque brasileiro)

"Que você acha?"

LAURA (NEUSA SUELI)

"É que você nunca chega tão cedo."

DAVID (VADO)

"Não cheguei sua vaca, ainda nem saí!"

LAURA (NEUSA SUELI)

"Tá doente?"

DAVID (VADO)

"Quer bancar a engraçada? Vou te

encher a lata de alegria!"

David (Vado) vai em direção a Laura (Neusa) e torce o seu braço.

PLATEIA

Os olhos de Augusto estão atentos e acompanham a movimentação em cena, o interesse por aquilo que está a acontecer aumenta cada vez mais.

NO PALCO

David (Vado) é ainda mais agressivo numa cena que já apresenta metade da peça.

DAVID (FALA DE VADO)

"Só tô a falar a verdade. Tu tas velha. Outra noite, cheguei aqui, tu tavas a dormir aí, de boca aberta. Roncava como uma velha. Quase vomitei. Porra, nunca vi coisa mais nojenta."

LAURA (FALA DE NEUSA SUELI)

Para com isso! Para! Por favor, para!

PLATEIA

As cenas são transmitidas pela expressão do olhar de Augusto que altera-se constantemente.

PALCO

Laura (Neusa) está caída no chão, ela chora depois de ter sido humilhada por David (Vado).

PLATEIA

Augusto tem a boca seca, a respiração está acelerada e sob sua imagem ouvimos Laura em OFF

LAURA (NEUSA SUELI O.S.)

"Às vezes chego a pensar: Poxa, será que eu sou gente?"

NO PALCO

A atriz está entregue à sua cena, enquanto David a observa na outra extremidade.

LAURA (NEUSA SUELI CONT.)  
"Chego até a duvidar. Duvido que gente  
de verdade viva assim, um aporrinhando  
o outro, um se servindo do outro."

PLATEIA

Augusto acompanha mais alguns momentos do espetáculo com as  
mãos fortemente agarradas na poltrona.

As outras cenas do espetáculo são transmitidas pelas  
alterações das expressões de Augusto.

Por fim ouve-se o LAMENTO de Neusa Sueli, enquanto os olhos  
de Augusto enchem-se de lágrimas

LAURA (NEUSA SUELI O.S.)  
Estou na merda... Estou na merda...  
Vado! Vado! Você vai voltar?

Apagam-se as luzes do palco e o SOM DOS APLAUSOS enche o  
espaço.

INT. TEATRO - NOITE

O público começa a sair do teatro, mas Augusto permanece  
sentado a olhar para o palco com os olhos vidrados.

O ZELADOR do teatro aparece, na plateia só está Augusto a olhar  
fixamente para o palco vazio. O Zelador acha estranho e  
aproxima-se.

ZELADOR  
Desculpe, está tudo bem consigo?

Augusto surpreende-se e ao falar percebemos seu sotaque  
brasileiro.

AUGUSTO  
Como? Ah, sim.

ZELADOR  
Pois, é que eu preciso fechar o  
teatro.

Augusto apercebe-se que só resta ele na plateia e levanta-se  
um pouco atrapalhado a reunir os seus pertences.

AUGUSTO  
Claro, peço desculpa.

Enquanto dirige-se para a saída, Augusto continua a olhar para o palco.

O Zelador, acha aquilo estranho e olha para o palco, mas como não vê nada, RESMUNGA e começa a recolher o lixo deixado no teatro.

EXT. TEATRO - NOITE

Augusto sai do teatro, liga seu telemóvel e visualiza cinco chamadas não atendidas de um contacto chamado "Prisão".

De uma porta lateral do prédio, David, outros atores e algumas pessoas da equipa saem, enquanto Augusto acompanha-os com o olhar.

Augusto decide aproximar-se com uma certa timidez. O telemóvel de Augusto começa a TOCAR um som de SIRENE, o que chama a atenção das pessoas.

Envergonhado Augusto afasta-se rapidamente para atender a ligação do contato "Prisão".

AUGUSTO

Oi mãe. Já tô quase em casa. Sim eu comprei, eu só vou--

Augusto apercebe-se que sua mãe desligou. Ele volta a sua atenção para os atores que estão a ir embora.

INT. CORREDOR DO PRÉDIO/APARTAMENTO DA MÃE - NOITE

Ao pegar a chave e fazer menção em abrir a porta, já se ouvem os LATIDOS roucos de uma cadela pequena.

INT. APARTAMENTO DA MÃE - SALA - DIA

Augusto entra e INÊS, uma mulher de 65 anos, um pouco acima do peso e com cabelos visivelmente pintados de loiro está sentada num sofá surro e antigo, coberto por uma capa plástica, ela está a zapear canais da televisão. No sofá, ao lado de Inês, está uma poodle velha chamada Clarinha.

Clarinha LADRA, mas não sai do sofá.

Inês não olha na direção de Augusto, apenas manda, com um gesto, que ele leve as compras para a cozinha de uma vez.

INÊS  
(Cansada em tom repetitivo e  
sotaque brasileiro)  
Ai Clarinha para... Coisa chata...  
Fica se exibindo.

INT. CASA DA MÃE - COZINHA - DIA

Augusto rapidamente organiza as compras no armário, enquanto os latidos vão diminuindo, até cessarem por completo.

Ele prepara uma sandes, uma chávena de café com leite e uma fatia de bolo.

INT. CASA DA MÃE - SALA - DIA

Augusto aparece a equilibrar uma bandeja com a chávena, a sandes e o bolo para a mãe.

Inês pega a bandeja sem dizer nada, nem ao menos olhar na direção de Augusto. Está absorta ao que assiste.

Augusto senta-se em uma poltrona ao lado do sofá.

Augusto olha com tristeza para um porta-retratos acima de uma estante, nela estão a sua mãe e o seu pai, um ao lado do outro; na frente, ele e o seu irmão mais velho. Nenhum deles está a sorrir na fotografia.

Inês dá a primeira mordida.

INÊS  
(Irritada)  
Não tinha um pão mais duro não?

Inês continua a comer e beber seu café.

Augusto observa a boca da sua mãe, que come e deixa cair migalhas, a mão que troca de canal, a chávena com a meia de leite que vai até a boca, o barulho que ela faz ao BEBER o líquido e a cadela que apenas ARFA deitada no sofá.

A mãe acaba de comer e coloca o prato ao lado de Clarinha, que lambe as migalhas do prato.

Inês acende um cigarro, reveza, num malabarismo entre o cigarro, a meia de leite e o controle da TV.

INÊS  
Liguei pro seu irmão, mas ele não

atendeu... Ele nunca atende.

Augusto apenas ouve a conversa sem esboçar surpresa.

INÊS

Eu não me importo. Clarinha você se importa?

A cadela apenas olha na direção da dona.

INÊS

Também não. Ele não liga, a gente também não vai mais ligar né, Clarinha?

Augusto mantém o silêncio.

Inês continua sem olhar na sua direção.

INÊS

Por que demorou tanto?

AUGUSTO

Eu fiquei até mais tarde no trabalho.

INÊS

Sei. Pelo visto foi no teatro outra vez.

AUGUSTO

(Um pouco envergonhado)

Ahan.

INÊS

Parece até uma doença.

Augusto respira fundo.

INÊS

Desde criança isso... Não tem mais o que fazer não? Se tá sobrando dinheiro pra gastar em bobagem, pode deixar mais comigo, porque a pensão do seu pai não dá pra quase nada. O euro tá pela hora da morte.

A mãe coloca em um canal de vendas.

INÊS

Eu acho que já tenho estas panelas... Mas panelas nunca são demais.

AUGUSTO

Mãe a senhora não cozinha.

Inês finge não ter ouvido nada e pega no telefone e começa a DIGITAR o número que aparece no ecrã da TV, leva o telefone até ao ouvido e depois de um tempo desiste.

INÊS

Melhor esperar, este programa geralmente tem coisas melhores mais pro final.

Inês continua a assistir enquanto acaricia a sua cadela.

Augusto olha para mãe a acariciar a cadela, depois levanta-se.

AUGUSTO

Mãe eu vou me deitar. Quer mais alguma coisa?

INÊS

Coloca isso na pia. Eu lavo depois.

Augusto pega o prato e a chávena, olha para a sua mãe e com carinho beija a sua cara, mas Inês não esboça nenhuma reação e ele acaba por ir em direção à cozinha.

Inês acende outro cigarro.

INÊS

Filho, tudo isto é culpa sua, não se esqueça.

INT. QUARTO DE AUGUSTO - NOITE

No quarto, um local com vários cartazes de espetáculos de teatro pelas paredes.

Ele tira da mochila o programa da peça. Abre uma gaveta onde existem vários outros, muito bem organizados e coloca o novo programa junto dos outros. É possível identificar nos programas, alguns dos espetáculos que ele já assistiu como: "Édipo Rei", "Macbeth", "Leonor Mendonça" e "Fim de partida".

INT. QUARTO DE AUGUSTO - NOITE

A luz da rua entra pela janela e ilumina o quarto.

De pijama polar, Augusto está deitado em sua cama, os seus olhos estão fixos no teto, enquanto respira profundamente.

O silêncio do quarto, a RESPIRAÇÃO do Augusto e o BARULHO de alguns carros que passam do lado de fora.

Aos poucos sua expressão ganha um tom firme.

AUGUSTO

"Às vezes chego a pensar... será que eu sou gente? (T) Duvido que gente de verdade viva assim."

INT. ESCRITÓRIO CONTÁBIL - DIA

Augusto está sentado à mesa e à sua volta, na mesma sala, vinte senhoras trabalham nos seus computadores.

SEQUÊNCIA DE IMAGENS

Ele faz cálculos, carrega caixas, volta a fazer cálculos, serve café para as vinte senhoras nas suas mesas, mais cálculos, arquiva documentos e recolhe o lixo. Tudo é feito de forma automática.

INT. ESCRITÓRIO CONTÁBIL - SALA DO CHEFE- DIA

Augusto entra na sala do chefe, que é dominada pelo fumo do cigarro, o cheiro forte faz Augusto tapar o nariz.

Augusto organiza as bebidas no minibar e percebe que o chefe está ao telefone.

Augusto, não consegue ouvir o som da voz do chefe, pois a sua atenção está voltada apenas para os lábios imensos que o velho possui e na baba que escorre no canto de sua boca.

EXT. TEATRO - NOITE

Augusto passa mais uma vez na rua do teatro, para e vê a movimentação das pessoas a entrar. No cartaz do espetáculo está uma faixa com a escrita "Último dia".

INT. TEATRO - PLATEIA - NOITE

No final da apresentação, os APLAUSOS.

Augusto presta muita atenção nas mãos a aplaudir.

INT. BAR - NOITE

Pequeno bar, ambiente descontraído, poucas mesas, a maioria está de pé no balcão.

Sentados à mesa de bar, os atores e a equipa do espetáculo estão a conversar e beber.

Augusto entra no bar, avista as pessoas da peça e coloca-se no balcão a observá-los.

Os atores e a equipa RIEM e divertem-se.

Intrigado, Augusto olha fixamente para o sorriso de David.

David, subtilmente, nota que está a ser observado, mas disfarça. Augusto com receio de ter sido visto, acaba por virar-se de costas para a mesa e continua a beber no balcão.

Em determinado momento, Augusto sente a presença de uma pessoa atrás de si, mas não se vira. Apenas respira e espera alguma reação do sujeito. Sem aguentar esperar mais, Augusto vira-se: acredita ser David, mas está enganado. É um outro homem qualquer. O sujeito sorri para ele. Augusto disfarça e olha em direção à mesa, mas não vê mais os atores.

EXT. BAR - NOITE

Augusto sai do bar e do lado de fora encontra David a fumar um cigarro.

Augusto não sabe o que fazer.

David apaga o cigarro, olha para Augusto e cumprimenta-o com um sorriso. Augusto constrangido sorri.

DAVID

Que dia foi melhor?

AUGUSTO

Como?

DAVID

Gostaste mais do espetáculo ontem ou hoje?

AUGUSTO

(Surpreso)

Me viu?

DAVID

(Maroto)

Hoje achei melhor.

AUGUSTO

Eu gostei dos dois. Adoro este

texto.

DAVID  
Já conhecias?

AUGUSTO  
Sim, mas nunca com um português neste papel.

Mesmo nervoso decide arriscar

AUGUSTO  
Aliás, você é ótimo.

DAVID  
Obrigado.

David olha para Augusto de forma divertida.

AUGUSTO  
Costuma observar os espectadores?

DAVID  
Ainda mais quando um espectador olha de forma tão diferente.

Augusto não tem certeza se isso é bom, mas sorri.

DAVID  
E dois dias seguidos chamam mais a atenção.

Os dois ficam em silêncio em um clima de descontração.

O telemóvel de Augusto começa a tocar, o mesmo som de sirene, mas ele rapidamente desliga o aparelho.

David acha divertido e olha de maneira muito sedutora para Augusto, que mesmo um pouco tímido retribui o olhar.

DAVID  
Tens alguma coisa marcada?

AUGUSTO  
Quando?

DAVID  
Agora.

AUGUSTO  
(Ansioso)  
Não, nada.

DAVID  
Vamos embora?

AUGUSTO  
Claro, você deve estar cansado...

DAVID  
Nada, amanhã só tenho ensaio de outro espetáculo à tarde.

AUGUSTO  
Boa.

DAVID  
Então?

AUGUSTO  
(Sem ter certeza)  
Então?

DAVID  
Pra tua casa ou pra minha?

David sorri e Augusto também.

INT. METRO - NOITE

David pressiona a sua perna contra a perna de Augusto, que fica sem saber como comportar-se.

INT. APARTAMENTO DAVID - SALA - NOITE

Augusto e David estão na sala, um espaço pequeno e com poucos móveis.

DAVID  
Ficas à vontade, queres beber alguma coisa? Um vinho?

AUGUSTO  
Pode ser.

David sai em direção à cozinha e Augusto fica parado. Ele vê algumas fotos emolduradas na parede e aproxima-se, admirado vê imagens de David em diversos espetáculos.

DAVID (O.S.)  
Estás cá há quanto tempo?

AUGUSTO  
Dez anos, já.

DAVID (O.S.)  
Boa. Vieste sozinho?

AUGUSTO  
(Com certo desconforto)  
Com a minha mãe.

DAVID (O.S.)  
E o que mais? Pai, irmãos?

AUGUSTO  
Não tem muito mais pra saber.

David retorna para a sala com duas taças de vinho. Ele encontra Augusto a ver suas fotografias e entrega uma taça para Augusto.

DAVID  
E que tal? Meio narcísico.

Eles bebem mais um pouco de vinho.

AUGUSTO  
Porque você faz teatro?

David sorri e responde.

DAVID  
Digamos que é a única coisa que me dá tanto prazer quanto o sexo.

Augusto não responde.

DAVID  
Estou a brincar. Eu adoro cada momento em frente à plateia, percebes?

AUGUSTO  
Acho que sim.

DAVID  
Mesmo com a rotina dos ensaios, a luta de todos os meses pra pagar as contas, na hora que eu subo ao palco, parece que toda a sensação de esforço desaparece.

AUGUSTO

Parece muito bom isso.

DAVID

Sim... Tem uma parte de mim que só existe no palco. Já fizeste teatro?

AUGUSTO

Não.

DAVID

E por que não experimentaste? Já que gostas tanto.

AUGUSTO

Não sei... Não aconteceu. Meu pai dizia que era coisa de veado, preguiçoso e maconheiro.

DAVID

(Acha graça)

Muito espirituoso o teu pai.

AUGUSTO

Muito... Sempre tive curiosidade pra saber como é... De frente pra aquela gente toda.

David observa Augusto com curiosidade.

AUGUSTO (CONT)

Como se lá, eu pudesse ser eu, sem vergonha, sem medo, que eles pudessem me ver...

Augusto sorri um pouco constrangido.

AUGUSTO

Acho que o vinho soltou minha língua.

David olha-o por um tempo, levanta-se e vai na direção de Augusto. Ele retira a taça de vinho de sua mão, depois tira os sapatos de Augusto e faz com que ele fique de pé.

Augusto está ansioso.

David vai para trás do corpo de Augusto e aproxima a sua boca da orelha dele.

DAVID

Fecha os olhos. Tudo escuro. Imagina

que aos poucos, uma luz acende e aquece o teu rosto.

Augusto ouve tudo com muita atenção, sente a sua boca ficar seca, ele quer vivenciar aquilo.

DAVID (CONT)

Várias pessoas à tua frente. Teatro lotado!

Augusto está entregue à sensação e à imaginação. David, enquanto continua a descrever, tira lentamente as roupas de Augusto.

DAVID (CONT)

Os olhos focados em ti, todos à espera do que tens pra dizer, pra mostrar. Cada gesto, cada palavra, cada respiração, tudo em ti interessa.

Augusto respira com ansiedade, num misto de euforia, medo e prazer.

DAVID (CONT)

E aí os aplausos! Ah, os aplausos... É a maior demonstração de carinho e admiração que um ator pode ter. É onde tudo faz sentido.

Augusto está nu, de costas para David, que anda até a sua frente e olha nos seus olhos. David beija-o.

INT. TEATRO - NOITE

No canto do palco uma cama, David e Augusto estão nus. Uma luz é direcionada sobre eles, beijos e olhares intensos. Seus corpos deslizam um pelo outro.

Augusto, abre a sua boca num gesto de imenso êxtase sexual, enquanto ouve os APLAUSOS.

INT. APARTAMENTO DA MÃE - COZINHA - DIA

O som da TV OFF é ouvido na cozinha.

Augusto prepara a sandes, a meia de leite e um iogurte com banana e granola.

Da sala a mãe impaciente fala alto.

INÊS (O.S.)  
Clarinha, pelo jeito, alguém quer que  
eu morra de fome!

A cadela emite um LATIDO rouco e fraco.

Augusto faz uma careta e apressa-se em acabar.

INT. APARTAMENTO DA MÃE - SALA - DIA

Augusto entrega a bandeja para a mãe e ela mantém o ritual de não olhar para ele.

Inês come e Augusto olha as horas.

INÊS  
Tem compromisso?

AUGUSTO  
Nada especial.

INÊS  
Imaginei.

Os dois continuam em silêncio.

Inês termina de comer e deixa o prato com migalhas ao lado da cadela e ela começa a lamber os restos.

INÊS  
Aconteceu alguma coisa?

Augusto não responde.

INÊS  
Algo diferente?

AUGUSTO  
Não.

INÊS  
Clarinha você acredita? Nem eu.

A cadela não responde, apenas olha em sua direção.

Inês continua desconfiada, tira com a unha, um pouco de comida presa entre os dentes.

INÊS  
Espero que esta confiança repentina  
não seja uma pessoa.

Augusto incomodado fica em silêncio, enquanto Inês acende um cigarro.

INÊS

Já aprendeu que as pessoas nos decepcionam. Você é um bom exemplo disso.

Inês apenas acaricia a cadela e assiste a televisão.

AUGUSTO

Queria que nossas conversas fossem diferentes.

INÊS

Você sempre quis demais.

Inês troca de canal e olha para as notícias.

INT. TEATRO - DIA

Em cima do palco, a ensaiar movimentos estão os atores David, HELOÍSA, 32 anos e RENATO de 24 anos.

Sentado na plateia está o encenador GILBERTO de 42 anos. Ele assiste a tudo com uma expressão de irritação.

GILBERTO

Assim não pode ser! Será que é pedir muito? Custa repetirem como eu marquei? Eu não tenho mais tempo e nem saúde pra aguentar um trabalho de merda desses!

HELOÍSA

Calma Gilberto, acho que tas a exagerar...

GILBERTO

Exagerar? Claro que eu estou a exagerar! De quem é a responsabilidade? De quem? Minha! É o meu nome que está em jogo! Se a performance de vocês for uma bosta, é o meu rabo que os críticos vão comer!

RENATO

(Em tom de piada)  
Apresenta-me estes críticos.

DAVID  
(Entre dentes)  
Cala-te.

Gilberto faz intenção de brigar ainda mais, mas surge a produtora KELLY de 19 anos, com uma chávena de chá e a entrega ao encenador.

GILBERTO  
Obrigado Kelly, preciso mesmo relaxar.

RENATO  
Kelly amada, trazes um café pra mim se faz favor?

KELLY  
Claro--

GILBERTO  
Que não! Renato tu não tas no intervalo!

RENATO  
Eu sei, mas eu dormi pouco esta noite.

HELOÍSA  
Tu dormes pouco todas as noites.

RENATO  
(Fazendo piada)  
É verdade, tenho muitos compromissos.

David e Heloísa acham graça.

Gilberto respira, procura acalmar-se e bebe mais um pouco de chá.

GILBERTO  
Pessoal, primeiro, este espetáculo precisa ser perfeito, caso tenham esquecido, nós não temos subsídio, será só bilheteira. Segundo, eu estou a usar um empréstimo bancário pra produzir, já que ninguém mais aqui teve dinheiro pra ajudar. Terceiro, a Kelly trabalha pra mim e só eu...

KELLY  
(Acanhada)  
Desculpe-me interromper Sr. encenador, mas eu faço estágio.

Gilberto olha para Kelly com menosprezo, enquanto ela timidamente continua o seu raciocínio.

KELLY

Acredito que se fosse um trabalho,  
talvez eu tivesse algum ordenado.

Gilberto não responde e volta a sua atenção para os atores.

GILBERTO

Vamos voltar pra cena anterior!

RENATO

Sem café eu não vou lembrar do texto.

Gilberto descalça o sapato e atira na direção de Renato, que desvia.

RENATO

Lembrei!

EXT. TEATRO - NOITE

David e os outros saem do teatro. O ator avista Augusto, acha estranho, mas vai em sua direção.

AUGUSTO

Como era caminho, pensei em dar um oi.

DAVID

(Desconfortável)

Ok.

AUGUSTO

Oi.

DAVID

Oi... Tá tudo bem?

AUGUSTO

Sim.

DAVID

Boa.

Os dois ficam por um momento em silêncio.

Heloísa aproxima-se impaciente.

HELOÍSA

David tu vens ou não? Estou farta e

preciso beber!

David faz um gesto para ela esperar e olha pra Augusto com um sorriso.

DAVID

Olha, nós vamos beber uns copos--

AUGUSTO

(Animado)

Boa! Vamos sim.

INT. BAR - NOITE

No pequeno bar, os atores e Augusto estão sentados.

Augusto observa-os com admiração.

HELOÍSA

Estou farta! Farta! É sempre a mesma coisa, muito ensaio, muitos gritos e pouco dinheiro.

RENATO

Linda, pra que tanta revolta? Eu que levei o sapato.

HELOÍSA

Melhor seria fazer uma telenovela.

RENATO

Mexe-te.

HELOÍSA

Ridículo, como se fosse fácil. Se eu ao menos me destacasse com este espetáculo... Uma música, eu poderia cantar em cena.

DAVID

Tu cantas?

HELOÍSA

Eu aprendo.

Augusto continua a olhar intensamente para cada um enquanto conversam, os atores percebem e trocam olhares entre si.

HELOÍSA

Vou falar com o encenador.

DAVID

Cuidado.

HELOÍSA

Ele quer que a peça seja um sucesso e eu quero ter sucesso, tudo certo.

Augusto ri com entusiasmo, enquanto os outros ficam desconfortáveis.

EXT. BAR - NOITE

Augusto e David olham-se.

DAVID

Então... Nos vemos por aí, porta-te bem.

AUGUSTO

(Com uma certa decepção)  
Claro. Bom descanso.

David está desconfortável em deixar Augusto ali.

DAVID

Eu acordo cedo amanhã e a estreia já é agora.

AUGUSTO

Tudo bem.

Ambos continuam parados a olharem-se.

David sente compaixão por Augusto e vai até ele e o beija intensamente.

DAVID

Cuida-te.

AUGUSTO

Você também.

David tira da mochila um convite para a estreia do seu novo espetáculo. Ele o entrega para Augusto com um sorriso e vai embora.

INT. TEATRO - NOITE

PLATEIA

Augusto abre os olhos e está sentado na plateia de um teatro.

Olha para os lados e percebe que as pessoas à sua volta olham para ele com olhares de interesse e incentivo.

Augusto olha para frente.

PALCO

David está com o braço esticado na sua direção, um convite para que ele suba no palco. Enquanto isso, Heloísa e Renato sorriem à espera de que ele aceite o convite.

PLATEIA

Augusto recusa com um gesto.

PALCO

Os atores insistem, assim como as pessoas à sua volta.

PLATEIA

Augusto começa, ainda com receio, a esticar a mão para ir ao encontro da mão de David, até que ouve subitamente o SOM DO DESPERTADOR.

INT. APARTAMENTO AUGUSTO - QUARTO - DIA

Augusto acorda, está deitado no chão do quarto. Em sua mão o convite da estreia. Ele agarra o telemóvel, procura pelo número de David e liga para ele.

David não atende.

INT. ESCRITÓRIO CONTÁBIL - DIA

Sentado em sua secretária, Augusto está imóvel com o telefone na mão. Levanta-se e vai até à casa de banho.

INT. ESCRITÓRIO CONTÁBIL - CASA DE BANHO - DIA

Augusto está sentado na sanita e liga outra vez para David, mas ele continua a não atender.

Augusto sente angústia e raiva, enquanto morde as mãos, na intenção de acalmar-se.

INT. ESCRITÓRIO CONTÁBIL - DIA

Ao voltar para a sua secretária, Augusto coloca o telefone ao seu lado, tira da sua mochila o convite e fica a olhar para ele.

O seu chefe aparece à frente da sua secretária, Augusto não tem interesse em olhar para ele.

O chefe humilha-o por conta de um cálculo errado, Augusto não ouve a sua voz, apenas escuta um pequeno ZUNIDO.

Num determinado momento, uma gota de saliva de seu chefe cai em cima do convite.

Augusto levanta-se num acesso de fúria, anda pela sala, DERRUBA várias caixas e papéis, enquanto os demais olham assustados.

EXT. RUA - DIA

Augusto anda depressa.

Começa a CHOVER.

INT. TEATRO - DIA

O som é o da RESPIRAÇÃO de Augusto a acelerar cada vez mais.

Os atores estão em cima do palco a ensaiar, Gilberto faz gestos com os braços que deixam clara a sua irritação.

EXT. TEATRO - FIM DE TARDE

CHOVE do lado de fora do Teatro, vemos a lateral do rosto de Augusto, ele está parado do outro lado da rua a molhar-se.

Do onde está consegue ver os atores, encenador e a produtora a saírem do teatro.

Renato assusta-se e faz um sinal para que David olhe na direção de Augusto. David olha, fica por um momento constrangido, mas decide ir embora com os seus colegas.

INT. CASA DA MÃE - SALA - NOITE

Inês assiste à TV e Augusto está sentado na poltrona ao lado.

Augusto olha fixamente para o convite do espetáculo.

INÊS  
Clarinha, parece que alguém se  
decepcionou.

Augusto amassa o convite e joga-o no chão. Inês assusta-se. Ele olha fixamente para ela.

Inês percebe pelo canto dos olhos e decide desligar a TV. Respira fundo e olha para Augusto.

Augusto surpreende-se com a atenção. Seus olhos começam a lacrimejar.

Inês transmite uma pequena preocupação, mas rapidamente disfarça liga a TV novamente.

Augusto senta-se no chão e encosta sua cabeça no colo de Inês, mas ela não reage. Ele então agarra a mão da sua mãe e coloca-a sobre a sua cabeça, mas ela continua sem reagir. Ele tenta forçar um carinho, mas Inês resiste: acaba por tirar a mão de cima dele, coloca sobre a cadela e a acaricia.

Augusto levanta-se e anda em direção à cozinha.

INT. APARTAMENTO DA MÃE - COZINHA - NOITE

Augusto acende a luz, e a tremer, pega um copo de água. Leva o copo até a boca, mas interrompe a ação.

Vai em direção ao armário, abre uma gaveta que está cheia de remédios. Augusto fica a olhar os remédios.

O som dos PASSOS da cadela a aproximar-se.

Augusto fecha a gaveta de remédios e abre outra, nela a gaveta de talheres, inclusive uma grande faca de cortar carne.

Clarinha para ao lado de Augusto. Eles olham-se. A cadela traz na boca o convite amassado.

INT. TEATRO - CAMARIM- DIA

Kelly entra no camarim e começa a organizar o espaço.

Uma mão agarra o ombro de Kelly e a assusta.

DAVID

Calma! Estás demasiado tensa.

KELLY

Desculpa, deve ser porque é a minha primeira estreia.

DAVID

Com o tempo não melhora...

KELLY

Não?

DAVID

Não.

Entra Heloísa.

HELOÍSA

Não dormi nada esta noite. Estou péssima.

Heloísa começa a organizar a sua maquilhagem em cima do balcão. David e Kelly trocam olhares de cumplicidade. Kelly decide sair do camarim.

DAVID

O que foi?

HELOÍSA

Eu não sei... Eu achava que ia arrasar neste espetáculo.

DAVID

Com o público vai ficar melhor.

Gilberto entra no camarim.

GILBERTO

E então! Todos preparados?

HELOÍSA

Mais ou menos, tô nervosa, não dormi nada.

GILBERTO

Não temos tempo e nem dinheiro pra isto!

HELOÍSA

Acho até que vou ter dores de barriga e eu nunca tenho dores de barriga!

GILBERTO

Nada do Renato?

DAVID

Não.

GILBERTO

Foda-se!

HELOÍSA

E se eu cantasse uma música?

GILBERTO

Tu não cantas.

HELOÍSA

Eu não canto? Quem disse?

GILBERTO

Acalma-te e faz tudo o que eu pedi,  
tudo igualzinho, tem imensa gente  
influyente confirmada, até o crítico  
mais importante da cidade vem hoje.

HELOÍSA

Agora é que vou ficar mais nervosa!

Renato entra no camarim.

RENATO

Peço desculpa, eu sei que vocês não  
aguentam ficar muito tempo sem mim.

Gilberto tenta conter a irritação.

GILBERTO

Vou ver se as coisas estão todas  
prontas.

Gilberto sai. Renato vai até a porta ver se ele já foi e  
volta a falar com os colegas.

RENATO

Eu não dormi nada esta noite.

HELOÍSA

Tu também? Achei que era só eu que  
estava preocupada.

RENATO

Claro que eu to preocupado.

HELOÍSA

Ótimo, o que que tu achas se eu...

RENATO

Ainda mais com o convidado que vamos  
ter na plateia.

DAVID  
O crítico?

RENATO  
Não sei de crítico nenhum, eu chamei o  
produtor de elenco da próxima  
telenovela.

HELOÍSA  
Não acredito!

INT. APARTAMENTO DA MÃE - QUARTO DE AUGUSTO - DIA

Augusto está sentado em sua cama a escrever em um pequeno  
pedaço de papel.

Ele para e olha para os diversos cartazes de peças pendurados  
nas paredes. Augusto começa a arrancá-los e com uma tesoura,  
corta pequenos pedaços dos cartazes.

INT. SALA DE COMANDOS TEATRO - DIA

Gilberto entra e vê o técnico a JOGAR NO TELEMÓVEL. O som  
está demasiado alto.

Gilberto bate com os dedos nas costas do técnico que  
se surpreende.

GILBERTO  
E então? Está tudo certo?

O técnico acena positivamente com a cabeça.

GILBERTO  
Vais conseguir pelo menos hoje acertar  
esta luz?

O técnico faz sinal com o polegar que tudo vai correr bem.

GILBERTO  
Olha, eu preciso que entendas a  
importância disto aqui. Se tu fizeres  
merda é o meu nome de que irão  
falar... Ninguém fala do técnico,  
percebeste?

O técnico volta a fazer o mesmo sinal com a mão.

Gilberto respira fundo e vai em direção à saída. O técnico  
retoma o seu JOGO NO TELEMÓVEL.

GILBERTO

Putá que o pariu, tira o som deste telefone. Podes até fazer melhor, quando começar a peça, desliga, assim ficas mais atento.

O técnico sorridente, volta a fazer o mesmo gesto com a mão e baixa o volume do telemóvel.

Gilberto sai com a preocupação estampada na cara.

EXT. TEATRO - NOITE

A fila em frente à bilheteira do teatro é grande.

Augusto passa pela fila e vai em direção à porta lateral do teatro.

INT. TEATRO - CAMARIM- NOITE

No camarim, os atores dão os últimos retoques no guarda-roupa e fazem exercícios de respiração.

O encenador entra no local para perceber se todos estão prontos.

GILBERTO

E então, todos prontos?

RENATO

Sabes me dizer se meus convidados vieram?

GILBERTO

Tu não deves preocupar-te com isso agora!

HELOÍSA

Deve sim.

GILBERTO

Vocês precisam ficar concentrados no que eu pedi! Se a crítica for ruim e pior, se o público não amar este espetáculo, nós estamos na merda!

HELOÍSA

(Com ar de gozo)

Agora fiquei mais calma.

DAVID  
Vai correr tudo bem.

GILBERTO  
Concentração!

Todos dão as mãos.

GILBERTO RENATO HELOÍSA DAVID  
"Eu seguro a minha mão na tua...

INT. TEATRO - PLATEIA - NOITE

As pessoas entram no teatro e procuram pelos seus lugares.

GILBERTO RENATO HELOÍSA DAVID (O.S.)  
... eu uno o meu coração ao teu,  
para que juntos...

INT. SALA DE COMANDOS TEATRO - NOITE

O técnico vê as pessoas a sentarem-se e desliga o seu telemóvel.

GILBERTO RENATO HELOÍSA DAVID(O.S.)  
... possamos fazer aquilo que eu não  
posso, não quero...

INT. TEATRO - CAMARIM- NOITE

GILBERTO RENATO HELOÍSA DAVID  
...e não vou fazer sozinho, Teatro"!

A porta do camarim é aberta e todos olham na mesma direção.  
De repente, as suas expressões mudam da animação para surpresa.

Augusto está parado à porta do camarim.

DAVID  
O que fazes aqui?

AUGUSTO  
Eu preciso falar com o encenador.

GILBERTO  
Eu? Mas o que é isso?!

DAVID  
Deixa estar que eu resolvo isto.

O encenador sai e os outros atores também.

AUGUSTO

Eu preciso que você entenda--

DAVID

Eu já entendi, tu és completamente louco!

SOM DO PRIMEIRO SINAL

AUGUSTO

Escuta, eu só quero uma oportunidade.

DAVID

Pelo amor da santa! Não chega eu não atender as tuas chamadas?

AUGUSTO

Mas eu não vim aqui pra falar disso!

DAVID

Não sei de onde tu tiraste a ideia de que podias chegar aqui assim! Isto aqui é coisa séria!

AUGUSTO

Eu sei! É a coisa mais séria da minha vida!

SEGUNDO SINAL.

DAVID

Olha, vai-te embora, depois eu, sei lá, a gente conversa, mas agora não dá.

AUGUSTO

Escuta, eu só te peço um momento--

David segura Augusto pelos braços.

DAVID

Vir aqui por mim, foi a pior coisa que tu podias ter feito!

AUGUSTO

Eu não vim aqui por você!

David solta os braços de Augusto e vai em direção à coxia, Augusto segue-o.

INT. TEATRO - COXIA - NOITE

Na coxia, Renato e Heloísa estão à espera. David aparece. Os dois olham pra ele e ele faz um gesto de que está tudo ok.

TERCEIRO SINAL.

Os três atores dão as mãos e respiram juntos. David prepara-se para entrar em cena e dar o primeiro passo, mas uma mão segura o seu braço.

É Augusto, que olha firme nos olhos de David.

AUGUSTO

Eu vim aqui por mim.

Augusto solta o braço de David, ajeita o seu cabelo e invade o palco, sob os olhares em choque dos atores.

Fim do primeiro ato

### **Anexo III – Peça “O espectador”**

# **O espectador**

Daniel Freitas

## **PERSONAGEM**

Augusto

## **CENÁRIO**

Opção 1: palco completamente vazio.

Opção 2: cenário simples, de alguma peça de que estivesse com a estreia preparada para esta noite.

*Aos poucos ouvem-se discussões entre algumas pessoas que estão no camarim do teatro. Os insultos geram uma briga violenta com objetos a serem quebrados. Por fim, o som de alguns tiros.*

*Entra em cena Augusto, um sujeito segurando uma mala, com um nervosismo aparente e respiração ofegante. Ele procura controlar-se e parecer mais seguro de si. Fica nítida uma alegria quase infantil. Cumprimenta o público timidamente com a cabeça. Anda lentamente de um lado a outro do palco para ver todas as pessoas da platéia. Sua realização é tanta que acaba por emocionar-se. Em seu rosto um choro contido. Ele recompõe-se, olha para o fundo do palco com um certo receio.*

*Augusto retoma a atenção na plateia. Coloca-se em uma postura clássica, para falar seu primeiro texto. Ele puxa o ar e prepara-se para falar.*

*Augusto não fala. Parece ter esquecido seu primeiro texto. Ele retira do bolso um pequeno papel com anotações. Lê rapidamente algumas notas, volta a colocar o bilhete no bolso e retoma a sua apresentação.*

**AUGUSTO** – “Que sois vós! Sei-o eu porventura? Sois o objeto que me fere continuamente os sentidos, a ideia que tenazmente me ocupa a alma, a imagem que veio sentar-se imperiosamente à minha cabeceira e dizer-me: ‘não terás olhos senão para mim’, a voz que me brada a todo o instante: ‘não terás ouvidos senão pra mim’, o fantasma que me prende, que me enlaça, que me eleva nas asas da esperança, que me abate no abismo da desesperação e que me repete sempre e sempre: ‘morrerás por mim!’”.  
(“Leonor Mendonça” de Gonçalves Dias)

*Augusto termina e fica a espera de uma reação da plateia. Por fim, apercebe-se que não há nenhuma reação. Ele acha estranho, então prepara outra cena. Augusto respira fundo, prepara seu corpo e coloca-se em uma posição desconfortável. O texto é falado em conjunto com uma performance física de gestos abstratos.*

**AUGUSTO** - Todos trazemos dentro de nós um mundo de coisas: cada qual tem o seu mundo de coisas! E como podemos entender-nos, (...) se, nas palavras que digo, ponho o sentido e o valor das coisas como são dentro de mim, enquanto quem as ouve lhes dá, inevitavelmente, o sentido e o valor que elas têm para ele, no mundo que traz consigo? Pensamos entender-nos... e jamais nos entendemos! (“Seis personagens em busca de um autor” de Pirandello)

*Certo da resposta do público, Augusto permanece na última posição, de olhos abertos e ofegante. Mas ele não escuta nada e então abre s olhos. Depois desconstrói a posa e olha intrigado para o público. Algo parece não correr bem.*

*Augusto sente-se desafiado. Vai até sua mala e retira alguns adereços. Ele veste enquanto olha para o público com tom desafiador. Ele coloca-se no centro do palco e faz um sinal para que o sonoplasta solte a música, mas nada acontece. Ele olha de forma ameaçadora para a cabine de sonoplastia. Repete o gesto e a música entra. Ele realiza alguns movimentos como se representasse a abertura de um musical. Enquanto dança e olha para a plateia. Parece não estar a surtir o efeito desejado. Fica inquieto. Para de dançar e faz um gesto para a música ser interrompida.*

*Ouvem-se gritos de socorro atrás da rotunda. Ele irrita-se e sai do palco. Os gritos param. Ele retorna ao palco com uma cadeira e senta-se na boca de cena.*

**AUGUSTO** - Estranho... Eu jurava que seria diferente. Eu achava que eu e vocês, a gente... A gente podia... Eu realmente me preparei pra esse momento, não foi de uma hora pra outra, eu não decidi assim de repente. Eu pensei... Eu pensei muito. E aí eu chego aqui... E nada.

Vocês, por acaso, imaginavam que seria assim? Acredito que não. Quando eu estava aí eu também não imaginava. Senão eu nem estaria aqui, senão eu não teria feito nem metade do que fiz.

*Silêncio*

**AUGUSTO** - Eu sou muito ansioso. As coisas precisam de tempo. Pessoas precisam de tempo. Até eu precisei de tempo.

*Silêncio*

*Augusto começa a estalar os dedos, como se contasse o tempo. Tira de dentro da mala alguns florais e pinga embaixo da língua. E volta a estalar os dedos, que batidas com os pés, gritos, por fim ele aplaude os espectadores.*

**AUGUSTO** – Bravo! Bravo! Detesto esperar pela boa vontade dos outros, pela educação, o bom senso, a justiça, e principalmente, pela generosidade. Eu quero tudo sempre pra antes de ontem e por causa disso eu sofro. Não que eu sofra muito, mas um pouco eu sofro. Geralmente nas terças eu sofro um pouco mais.

Já sofri muito também aos domingos, era um dia antes de eu voltar ao meu antigo trabalho. Difícil esquecer de vinte senhoras sentadas em frente aos computadores, balanços, notas, impostos, entradas e saídas. Além de um velho babão, que fumava um cigarro fedorento no canto da sua boca torta. Nem para beber as 13 chávenas diárias ele endireitava aquela boca. Só me sentia menos infeliz quando lembrava que não era a esposa dele. Se já era ruim pra mim, que não mantinha nenhum contato físico, imaginem pra ela que sentia inúmeras vezes o fedor e a baba daqueles lábios imensos que pesavam mais de um quilo.

Só que esse babão e essas senhoras não fazem parte do meu repertório, não mais. Acabou! Eles acabaram! Tudo acaba.

Mas minha intenção aqui é outra e acredito que a de vocês também. Como eu já comecei a minha parte e só falta vocês começarem a vossa, vou fazer o seguinte, esperarei mais alguns instantes.

Não. Não aconteceu nada. E não me olhem assim, eu não sabia. Eu tinha certeza de que quando aparecesse aqui na presença de todos vocês tudo ia fazer sentido, que os senhores iriam me dar uma luz. Mas não. Custa tanto assim? Só falta me dizerem que eu tenho que fazer tudo sozinho? Que pagaram o ingresso e, portanto o dever é todo meu.

Como se meu ser estivesse à venda... Como se aquilo que eu tenho de mágico fosse possível de ser comercializado pelo valor de um ingresso. Quem pagou meia recebe o quê? Metade de mim? Vocês querem a metade da direita ou a metade da esquerda? Ou melhor, garanto que preferem escolher, frente ou verso?

Alguns aqui devem ter entrado com nome na lista. Pediram para assistir a peça de graça, até porque se não fosse desta forma, muitos de vocês nem viriam ao teatro. Sempre achamos que não tem problema deixar de pagar pelo suor dos outros. Afinal, todos trabalhamos de graça, médicos, advogados, políticos, pastores, cartomantes, prostitutas... Até onde eu sei nem Pomba-Gira trabalha de graça.

Se eu soubesse que era assim... Tudo bem, a culpa não é dos senhores. Pelo menos não a culpa toda. Eu já estive nessa situação. Sentado aí, inclusive. Na semana passada, na retrasada... Há nove anos que eu sento-me aí de quinta a domingo. E era tão bom. Por isso eu estou aqui hoje, eu acreditava que se já era bom sentado aí, imagina aqui em cima. E digo mais! A certeza que eu carregava comigo era de que vocês, os senhores me dariam

tudo que eu precisava! Eu até ensaiei algumas coisas, como disse anteriormente eu pensei, eu me preparei para este momento! Mas o principal não tem que vir daí? Do espectador?

*Escuta uma pergunta vinda da platéia.*

**AUGUSTO** - Quem sou eu? Essa pergunta é uma pergunta simples, que pretende obter uma resposta o tanto quanto simples? Ou é uma pergunta filosófica que quer uma resposta toda fundamentada no meu íntimo, entrelaçada com referências bibliográficas de grandes nomes? Posso citar Lacan?

*Ouve outra pergunta.*

**AUGUSTO** - Se eu sou ator? Eu acredito que sim. “o ator é um homem que trabalha em publico com o seu corpo, oferecendo-o publicamente” (Grotowski)

*Outra pergunta.*

**AUGUSTO** - Os atores da peça que vocês vieram assistir estão lá atrás.

*Escuta alguns comentários e começa a irritar-se.*

**AUGUSTO** - Não, eles não vão aparecer aqui comigo. (*Outro comentário*) Não, isso não é um absurdo. E se fosse? Nunca ouviram falar em Beckett? Ionesco? Escutem aqui! Vocês só compraram um ingresso e isso não dá certeza de nada e muito menos garantia de alguma coisa.

O ingresso de vocês é a entrada de um caminho sem volta. Não dá pra voltar a ser o que era, nem pensar como se pensava. Os senhores não foram até o mercado e compraram uma lata de ervilha, onde a única obrigação da lata para com vocês é oferecer ervilhas e não milhos, ou palmitos, ou cogumelos ou qualquer outro produto que não seja verde, redondo e com gosto de ervilha. O que ocorreu foi a compra de um ingresso e nem vou entrar no mérito dos convites.

Com o papel em mãos, vocês adentraram o recinto, sentaram-se em vossas cadeiras e aí... E aí boa sorte, é só o que posso desejar! E isso não é ótimo? Não é isso que torna esse lugar maravilhoso?

*Percebe uma movimentação na plateia.*

**AUGUSTO** - Você vai aonde? Agora que está a ficar bom! Também não é para tanto... Por favor não vai embora. Se nós nos unirmos vai ficar maravilhoso. Volta pra esta cadeira, eu já falei! Ah, você quer ir mesmo? Tem certeza pra onde vai? Pois muito que bem, vai! Pode ir! Vai! Eu não quero nem saber! Vai!

*Augusto puxa uma arma e dá um tiro que acaba matando a vítima. Ele desce do palco e vai buscar o corpo no corredor, enquanto fala com o restante da plateia.*

**AUGUSTO** - Viram o que ele fez? Ele fez isso, não eu. O que custava ficar sentado por mais alguns minutos? Era só sorrir de vez em quando, chorar quem sabe, ou até mesmo bater umas miseras palmas no final. Eu até iria gostar se fosse de pé, mas se não quiserem ou tiverem vergonha de se manifestarem dessa maneira em público, eu vou entender. Eu não pretendo obrigar ninguém a nada.

*Coloca o corpo na coxia e volta.*

**AUGUSTO** - Agora vamos todos nos acalmar. Não se preocupem, podem relaxar, eu juro. Afinal isso é teatro, não é mesmo? O show tem que continuar! (*Acha graça*) Eu não pretendo atirar em todo mundo... Em todo mundo não. Não tenho bala pra isso. (*Ri ainda mais alto até parar e olhar intensamente muito sério para a plateia*). Eu tenho uma bomba.

*Silêncio*

**AUGUSTO** - Mas gostaria de informar que em meu coração há a esperança de que isso não será necessário. Imagino que os senhores não querem que uma coisa desagradável como esta aconteça. Querem? Então vamos relaxar e fazer o possível para que tenhamos um ótimo espetáculo. É por isso que eu estou aqui! Para fazer um grande espetáculo! E vou fazê-lo de uma forma, ou de outra.

Nunca estive tão decidido e obcecado por uma coisa na minha vida. Muitas vezes me foram negadas as minhas vontades. Escutar o *não* se tornou mais do que um hábito, era uma sina. Deixei de fazer muitas coisas.

Não enfiava o dedo no nariz, porque era feio. Não brincava de bonecas, porque era coisa de menina. Não comia manga com leite, porque matava. Não me deixavam brincar com o vizinho, porque ele era negro. Não deixava o cabelo crescer, porque era coisa de maconheiro. Tatuagem? Maconheiro. Brinco? Veado e maconheiro. Ser ator? Desocupado, preguiçoso, maluco, rebelde e ainda por cima: veado e maconheiro.

Mas hoje será diferente. Pelo menos eu, terei minha vontade atendida. Farei uma linda apresentação com um final inesquecível. Que sorte a nossa estarmos todos reunidos. E como não viemos aqui à toa, gostaria de recomençar a minha apresentação. Eu ensaiei algumas coisas com base em tudo que eu já vi. E vi muita coisa. Vi o melhor e o pior do teatro. Senti na pele e nos nervos o que uma catarse é capaz.

Começo pelos clássicos? Ou pelo teatro moderno? O que vocês acham? Bem, como vocês até agora não me ajudaram em nada, eu decido sozinho. Mas espero que isso mude, pois acredito que não tenham esquecido de um pequeno, mas significativo detalhe... Eu tenho uma bomba.

*Ele volta a pegar alguns adereços em sua mala e a mudar de roupa enquanto fala.*

**AUGUSTO** – Eu realmente me preparei muito pra este momento. Durante o dia estudava a planta baixa do teatro, escolhendo o melhor lugar, caso precise realizar uma grande tragédia. A noite ia ao teatro, via as peças tantas e tantas vezes, até que pudesse reproduzir cada palavra, cada contração muscular dos personagens. Finalmente esse dia chegou.

Fico feliz que vocês pensem que eu estou feliz. Digamos não completamente feliz, mas sim, estou feliz. Não que eu seja a pessoa mais feliz do mundo, isso não. Gostaria de conhecer essa pessoa... Será que ela é uma, ou muda e às vezes é outra? Tem gente que nem pode ser feliz. Eu sou feliz às vezes. Pelo menos uma vez no mês eu sou feliz. Mas todo mundo não deve ser feliz. Imagina se todos fossem felizes? Difícil de conviver. Talvez conviver com gente depressiva seja bem melhor... Tem gente que não pode ser feliz porque não seria justo. Imagina a pessoa com dinheiro, bonita, famosa e bem comida. Só o que faltava era ser feliz, aí já é falta de respeito. Duvido que a *Beyoncé* seja feliz, não mesmo. O que seria da gente, se além de tudo, a *Beyoncé* também fosse feliz?

Esperem, já estou a acabar.

*Vestido de Clown, Augusto encena uma gag. Ele não usa palavras, apenas gestos que fazem parte deste tipo de performance, onde a personagem, por conta da sua ingenuidade, acaba por representar situações embaraçosas. Ele então finaliza a cena e fica a olhar para a plateia por um tempo. Ele mantém a postura, o olhar, a energia do clown. Aos poucos descontrói e retorna ao seu estadual natural.*

**AUGUSTO** - Esta foi definitivamente a primeira e talvez única tentativa da minha pessoa fazer graça para os senhores. E só o fiz, porque eu, assim como vocês, já vim muito ao teatro pra me divertir. Mas eu nem sempre me diverti. Houve peças que eu ficava indignado com os atores. Já bati em dois na saída do teatro. Eles tinham uma maneira sórdida de tentar fazer graça com piadas ridículas, que nem eles achavam graça. Eram textos pobres, ilustrados por caretas excessivas e corpos vazios. Por isso bati e bati muito.

Durante a surra se defendiam a dizer as pessoas só vinham neste tipo de peça. Que as piadas inteligentes não eram bem aceitas pelo público e que não havia patrocínio para textos que fizessem as pessoas pensarem e rirem ao mesmo tempo. Que tudo isso era única e exclusivamente para agradar ao expectador.

Me agradar? Me agradar? Ir ao teatro e não refletir? Ah, sim claro. Eles estavam ali para me fazer rir. Mas eu não ria. Rir daquilo? Alguns do meu lado riam. E estes mesmos logo se arrependiam. Impossível controlar as minhas mãos, elas se dirigiam violentamente em cada boca escancarada. Odeio quando a pessoa, além de rir alto, se engasga.

Mas rimos de cada coisa não é mesmo? Rimos dos vídeos humilhantes postados diariamente em nossas redes. Rimos do esquisito, do fraco, do feio e do achamos brega. Rimos da cor, da descendência, da orientação sexual, do sofrimento dos outros. Rimos de tudo que consideramos inferior. *(Começa a rir)* Tem que rir pra não chorar! *(Para de rir)* Tem que rir pra não chorar?

Mas a culpa nem sempre é dos atores. Coitados. Que trabalho difícil. Difícil agradar ao público, ao patrocinador, à mídia, à família... Quando estava a escolher qual faculdade fazer, comuniquei o senhor meu pai que gostaria muito de ser ator! Tivemos uma longa conversa e ele disse-me... Não, não tivemos uma longa conversa. Na verdade, não tivemos nem um diálogo rápido. Ele simplesmente me mandou procurar algo que realmente fosse um trabalho. E... E mais nada. É isso e pronto! Imagina se meu pai permitiria que seu filho fosse um desocupado, um marginal, rebelde, preguiçoso e o principal: veado e maconheiro. Tem que rir pra não chorar.

Para não ser uma vergonha total, fiz contabilidade. No fim das contas era um diploma. Acabei por trabalhar até a semana passada com o babão beijado. Pelo menos para minha família eu não era ator.

Mas a culpa nem sempre é dos atores. A culpa também pode ser do encenador! Afinal, não é ele que manda em tudo? Não foi ele que por meses ficou sentado em uma cadeira a dizer o queria e o que não queria nas cenas? Não é ele que muitas vezes diz para deixar a cena mais leve e engraçada? Para o espetáculo ficar popular! Não é este ser que diz muitas vezes ao elenco que pouco se importa com a opinião dos críticos? Basta uma pessoa elogiá-lo no fim do espetáculo ou um desconhecido citar ele em alguma postagem na internet para ele sentir-se pleno, único, especial.

No caso deste profissional também responsável pelo entretenimento do público operário, as surras eram mais demoradas. Bati em pelo menos 11 encenadores. Utilizei vários materiais para estas surras, inclusive alguns foram introduzidos por seus próprios objetos cênicos

Em uma oportunidade, um dos diretores, enquanto eu apertava o bico do seu peito com um alicate, confidenciou-me que a culpa era também do autor da peça. Que tudo fazia parte da estética dramatúrgica do autor.

Claro! Era da cabeça dele que saíam as minhas decepções! Mas este eu não encontrei no teatro. Encontrei nas redes sociais, fui atrás e achei. Tão fácil de ser aceito hoje em dia na vida virtual de uma pessoa. Ser íntimo trata-se de curtir, comentar e compartilhar. Pronto! Ele te adiciona, te segue e entrega-se.

Depois de bater muito neste infeliz, descobri por ironia do destino que ele havia se apaixonado por mim. Como as surras não exerciam o papel educativo que eu pretendia, tive que ser mais cruel, mais direto, fazer algo capaz de criar uma dor incurável a sua autoestima. E nada melhor que evocar um grande professor para esfregar na sua cara como é que se faz! Que tal Shakespeare?

“O exagero no ato de representar, pode provocar riso aos ignorantes, mas causa desgosto às pessoas discretas, cuja censura, mesmo que se trate de um só homem, deve pesar mais em tua apreciação, do que os aplausos de muitos que enchem o teatro. Oh! Já vi serem calorosamente elogiados atores que, para falar com certa irreverência, nem na voz, nem no porte mostravam nada de cristãos, ou de pagãos, nem mesmo de homens e que de tal forma rugiam e se pavoneavam, que eu ficava a imaginar terem sido eles criados por algum aprendiz da natureza e transformados em verdadeiros abortos, tão abominável era a maneira pela qual imitavam a humanidade. Não digam mais do que lhes compete, pois há atores que atuam a ponto de rir, somente para provocarem riso aos espectadores imbecis, até mesmo em passagens importantes da peça. É vergonhoso valer-se de semelhante recurso. Isto revela a mais estúpida pretensão”. (*“Hamlet” de Shakespeare*)

Acabei com ele! Queria fazê-lo sentir o que eu não senti. A peça não dizia nada, não falava de nada, era apenas um coreografado passatempo para os operários divertirem-se no fim de semana. Afinal, segunda-feira é dia de batente e operário que se preze deve relaxar no domingo e não se preocupar em refletir com nada. Ou como dizem as boas línguas, era um verdadeiro teatro de balneário.

Esse não é o teatro que gosto. Já vi meus heróis morrerem de quinta a domingo. Já vi sangue nas mãos de Lady Macbeth, vi um homem beijar um moribundo no meio do asfalto. Passei uma semana entregue à catarse dos Sertões. Já presenciei o encontro de Freud e Kalr Marx, aprendi política com Brecht, já até esperei Godot! Vi e ouvi coisas tão boas como, por exemplo, a fala que eu mais gosto de Neusa Sueli... Já viram a Neusa Sueli, não é mesmo? A prostitua de “Navalha na carne”? Plínio Marcos! Conhecem, né?

Em uma de minhas cenas preferidas. Depois de ser arrasada por seu cafetão, ele a força a enxergar no espelho sua verdadeira imagem acabada pelo tempo no batente, pela vida miserável que se submeteu para sobreviver. Ele é cruel, ele que era a última tentativa de afeto que restava para ela, ele que era a esperança de um dia menos ruim. Então, ela humilhada e destruída diz:

*Ele coloca-se na posição de Neusa Sueli arrasada no chão, a apanhar os objetos espalhados.*

**AUGUSTO** - “Para com isso! Para! Por favor, para! Poxa, será que você não se manca? Será que você não é capaz de lembrar que venho da zona cansada pra chuchu? Ainda mais hoje. Hoje foi um dia de lascar. Andei pra baixo e pra cima, mais de mil vezes. Só peguei um trouxa a noite inteira. Um miserável que parecia um porco. (...) O desgraçado ficou em cima de mim mais de duas horas. Bufou, bufou, babou, babou, bufou mais pra pagar, reclamou pacas. Desgraçado, filho da puta. É isso que acaba a gente... Isso que cansa a gente. (...) Às vezes chego a pensar: Poxa, será que eu sou gente? Será que eu, você, o Veludo, somos gente? Chego até a duvidar. Duvido que gente de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro.” (“Navalha na carne” Plínio Marcos)

*Coloca-se na posição que estava antes da cena.*

**AUGUSTO** - E não é? Gosto muito dessa cena. Também pensei muitas vezes se era realmente gente... O teatro tem dessas coisas, você vem, senta-se nessa cadeira em frente a essa caixa preta e de repente... Algo de inexplicável e único acontece. Sempre foi muito difícil voltar para casa. Queria ficar aqui, não ir para nenhum outro lugar.

Uma vez cheguei a pedir para o zelador deste teatro, mas ele disse não. Fui até a Companhia que estaria nesse palco hoje e eles disseram não. Palavra muito familiar... Eu preciso voltar para a minha programação. Vejamos... O drama! Não há uma boa peça sem um conflito terrível. Nada é mais teatral do que uma história complexa. Eu não sei direito

que história contar para os senhores... Preferem senhores ou vocês? Que seja. Chamo como quiser, afinal até agora tenho feito tudo sozinho... (*Olhando ameaçadoramente para o público*) E isso vai mudar.

Pensei em diversas peças que vi, tão intensas que me fizeram refletir o que elas causavam no meu corpo, sim porque eu entrava no teatro de um jeito e saía de outro. “Um bonde chamado desejo”, “Casa de bonecas”, “Édipo”, “Medeia”, “Amor e ódio em sonata”, “Vestido de Noiva”, “Bodas de sangue”, “Hamlet”, “In on it”, “Dias felizes” e tantas outras!

O mais curioso é que eu sabia que era teatro... O tempo todo eu repetia dentro da minha cabeça “é teatro”. Sem que eu percebesse, estava entregue àquela gente... Eu sabia que os filhos da Mãe Coragem não haviam morrido de verdade, mas mesmo assim sofri junto com ela todas as vezes. Até rezei por uma semana antes de dormir, para que ela tivesse seus filhos de volta. Coisas do teatro. Ele nos faz sentir algo quase palpável, pois é no outro (*faz menção ao ator no palco*), ou será no outro (*faz menção ao público*), aqui ao vivo que está nossa ligação. Sintam-se privilegiados, estamos vivendo um momento único do teatro mundial! Esta noite será inesquecível, para os que sobreviverem!

Não se assustem. Não me refiro a bomba que está instalada embaixo de uma destas cadeiras. Refiro-me ao fato de que as pessoas mais sensíveis, às vezes não resistem a grandes emoções e morrem. Ou tem um derrame em plena atuação assim como Cacilda Becker em “Esperando Godot”. Vocês lembram? Claro que não. Por questão de elegância vamos supor que aqui ninguém tem idade para ter sido contemporâneo a este glorioso acontecimento.

Já pensaram? Morreremos juntos agora, dentro do teatro, em meio a uma fantástica apresentação deste que vos fala? Seria uma homenagem da mais sublime a Dionísio.

Sempre estive mais ligado ao teatro do que a minha própria família. Não que eu não tenha tentado essa relação familiar, mas sempre foi tão complicado. Era como se não falássemos a mesma língua. Minha mãe achava que eu vivia no mundo da lua, meu pai dizia que eu era doente e meu irmão... Bem, ele às vezes me chamava de maluco me dava uns socos e era só. Mas eu não sou maluco!

Nunca perdia uma oportunidade de deixar meus instintos teatrais fluírem por meu corpo. No início, sem entender que ser ator não era bem visto na minha casa, criava cenas a todo o instante, fossem nos almoços ou na ida para a escola. No fim sempre tinha alguém para me bater e mandar parar. Minha mãe me batia para ver se eu acordava pra vida, meu

pai me batia para ver se concertava a minha vida e meu irmão me batia porque gostava de me bater. Na escola colegas, professores e até mesmo as merendeiras me batiam. Na rua, a polícia, os mendigos, ladrões, putas, desocupados... Vocês acham que eu consegui frear meu instinto artístico? Jamais! Se não o que estaria fazendo aqui? Hein?

Passei a encenar fora de casa. Usava construções abandonadas, florestas das mais variadas e de vez em quando ia ao cemitério à noite, inclusive, de todos os lugares, este era o melhor para ensaiar uma tragédia. Acham que as surras acabaram? Claro que não. Meu pai era quem mais me batia, de certo queria com muita, mas muita, muita força me concertar. Quando ele não estava a me bater, me fazia assistir.

Ele sempre tinha prazer em me fazer presenciar as agressões destinadas à minha mãe ao longo do casamento. Também era obrigado a ver os socos dados no meu irmão e até mesmo as surras que eram reservadas a mim, sempre havia o reflexo do espelho para que eu pudesse assistir de camarote o meu próprio sofrimento.

Acho que é melhor eu parar de falar disso. Se não daqui a pouco vão achar que meu pai era um monstro, que ele me maltratava o tempo todo e na verdade não era isso que acontecia. O tempo todo não. Ele só estava a tentar fazer o seu melhor. Minha mãe também fazia o seu melhor, só que com o vizinho. Minha mãe dava o seu melhor ao vizinho pelo menos duas vezes por semana e ao meu pai, quando muito, uma vez por mês.

Um dia, depois de uma surra em frente ao espelho, percebi que meu pai estava desanimado e a queixar-se muito da falta de carinho de minha mãe. Então sugeri a ele que trocasse de casa com o vizinho. Quem sabe fosse a distância do outro lado da rua que deixava minha mãe tão animada.

A notícia caiu como uma bomba. Não uma bomba como a que temos aqui para o caso de alguém mais ir embora, mas uma bomba.

Isso me leva a minha primeira apresentação em público! Não foi em um teatro como esse, nem tinha tanta gente como agora, mas pude experimentar por alguns instantes os olhares atentos a mim.

Eu vesti um terno preto, passei até um lápis nos olhos para meu olhar ficar mais intenso, aprendi isso em uma peça. Aí fui entrando no recinto... Era nítida a expressão de espanto dos demais... Na hora cheguei a pensar que o lápis estava muito marcado, mas enfim não havia a possibilidade de voltar atrás. Precisava daquele momento, precisava romper meu hímen cênico.

Coloquei-me no centro. Olhei para todos um a um. Depois abri meus braços na atitude de doação para com o meu público. Com a respiração acelerada tentei conter meu corpo, para que nenhuma tensão ou nervosismo atrapalhasse a minha primeira vez. Queria ter meu primeiro gozo ali, com todos! Muitas velas criavam a atmosfera para a minha apresentação. Algumas pessoas só de me verem ali já estavam a chorar. Era muita emoção que eu transmitia aquela gente. Uma senhora levantou-se e fez menção de vir em minha direção, foi aí que vomitei as palavras como que em um impulso assassino!

*Augusto canta uma parte da “The Phantom of the Opera”.*

**AUGUSTO** – Quando dei conta mais pessoas haviam se levantado, mas não ouvia os aplausos, por quê? Estavam a vir em minha direção, era raiva, choro e riso, então tentei minha última cartada na busca dos aplausos! Não pude terminar, minha mãe batia na minha cara e gritava: - Cala a boca! Cala a boca desgraçado! A culpa é sua! A culpa é toda sua, sua!

Não entendi. Queria homenagear meu pai com um dos musicais mais famosas da Broadway! E qual momento não seria melhor do que o seu velório? Tanta gente reunida, uma platéia familiar, com amigos, existe público mais acolhedor? E por que ela não entendia a minha real intenção? Eu só queria me redimir, eu precisava me redimir! Por minha culpa ele havia morrido, havia saído de minha boca as palavras que levaram o seu coração a uma pressão insuportável! Por que era tão difícil ela me entender? Por que ninguém fazia um esforço para me aceitar? Só eu tinha esse dever? Eu tinha que aceitar? E ela ainda estava lá de braços dados com o outro! O outro que não se envergonhava de estar em frente ao corpo gélido de meu pai, que através das carícias não escondia a intimidade com o corpo de minha mãe! O outro que ainda seria pior que meu pai!

*Chora por um curto período de tempo.*

**AUGUSTO** – “Sim, choro, apesar de ser um homem. Um homem não tem olhos? Não tem mãos, membros, sentidos, apetites, paixões? Não vive do mesmo alimento, não é ferido pelas' mesmas armas, não é aquecido e enregelado pelo mesmo inverno e verão que uma mulher? Se nos espetam, não sangramos? Se nos fazem cócegas, não sufocamos de rir? Se nos envenenam, não morremos? Por que um homem não pode lamentar-se, e um soldado chorar? Porque não é digno de um macho! Mas por que não é digno de um macho?” (“O Pai” de August Strindberg)

Podemos considerar esse momento uma espécie de drama. Estamos no teatro, existe o público e tem alguém a transparecer sofrimento na frente dos senhores. Acredito que estes relatos da minha vida pessoal possam acabar justificando minhas atitudes e o grande final que eu preparei para hoje. Só que o final não será agora, não seria justo com todos aqui. Imaginem vocês, se depois de tanta dedicação pessoal eu acabaria assim tão rápido. Antes disso, preparei mais uma série de atrações para possibilitar a nossa comunhão. Ouviram bem? Eu repito. A nossa COMUNHÃO! Vocês devem se relacionar comigo. Usar todo esse turbilhão emocional escondido e compartilhar aqui, agora! Só assim eu vos brindarei com o grande e tão esperado final. Percebo que muitos já não vêem a hora de assistir esse tal final e saírem do teatro para escapar desse homem que teve a coragem de levantar daí e se colocar aqui, no meio do palco do teatro, quer lugar mais perigoso que esse? Qualquer incompetência de minha parte para fazê-los explodir de felicidade seria desastrosa. Sei que todos vocês já sonharam em estar aqui pelo menos uma vez, mas só eu assumi o risco.

*Ouve-se um barulho no camarim.*

**AUGUSTO** – Assim não pode ser!

*Volta a se ouvir um barulho no camarim.*

**AUGUSTO** – Inferno! Estes artistas só pensam em si. Eu vou um instante ali atrás e já volto. E não tenham a infeliz ideia de se levantarem de suas cadeiras.

*Ele sai rapidamente para fora de cena. Ouve-se o barulho de briga e xingamentos. Um ator entra em cena a correr e a gritar por socorro, mas um tiro de dentro da coxia é disparado e ele cai. Augusto aparece e arrasta o corpo para fora da cena. Ele então retorna para falar com o público.*

**AUGUSTO** - Pronto. O teatro tem destas coisas, é feito ao vivo. Muitos imprevistos acontecem. Entendem por que eu digo que ele é tão perigoso? Agora continuando a minha apresentação eu vou... Que foi? O que é isso? Eu estou sentindo uma certa tensão no ar... Vocês parecem preocupados... Será porque eu... Não seria pelo o que aconteceu agora a pouco, seria? Vocês não gostaram? Acharam um pouco demais? Pelo visto, sim. Me desculpem.

Eu tentei de outras maneiras, mas todas foram um fracasso. Não queria fracassar ainda mais do que fracassei na minha vida, até agora. Vocês sabem como é difícil sonhar

com uma coisa, querer ela mais do que tudo na vida e nada acontecer? Eu sei. Também não é fácil chegar aqui e simplesmente tratar tudo de forma natural. Certas coisas acontecem em momentos de desespero, quando você não consegue mais viver na inércia, no desgosto.

Quantos aqui já tiveram vontade de explodir com tudo? De fazer algum mau? Nem que seja pequeno? Eu sei. Só que antes que pensem que eu sinta raiva, ou odeie os atores dessa Companhia, quero deixar claro que definitivamente sem sombra de dúvidas eu não os odeio. De forma alguma. Até agora tudo que tenho feito faz parte de “poéticas do processo artístico”. Se não fosse assim, os senhores achariam que o fato de colocar uma bomba embaixo de talvez uma cadeira, ou de várias cadeiras, na ventilação, ou no sistema de som, fosse tudo por causa do ódio. Eu não os odeio. Pelo contrário, os admiro e muito. Como odiar pessoas que saem de suas casas para irem ao teatro? Podendo ir a um cinema, a um culto religioso ou a um motel. Antes de tudo isso, vieram a esse lugar sagrado. E estão a me assistir! Isso merece um brinde!

*Tira de sua mala uma bebida e dois copos, serve a bebida e vai até alguém do público, oferece e faz um brinde.*

**AUGUSTO** - Tim, tim! A nossa sobrevivência! Queria confidenciar a vocês um segredo que eu guardo já faz um tempo. Mas devem prometer que não contarão pra mais ninguém, este será um segredo nosso. Se bem que depois do que preparei para o grande final, isso não terá mais importância. Com certeza, não. Então vou contar. (*Ansioso com a confissão*) Eu já fiz um curso de teatro. Juro! Não foi nada fácil frequentar estas aulas as escondidas. Por isso valorizo ainda mais esse meu curso.

O primeiro dia de aula foi muito marcante. O professor chamou-me logo de cara para ser o primeiro a experimentar o exercício. Com certeza, ele havia percebido o meu talento. No centro da sala ele me disse que eu deveria concentrar-me nas suas palavras para executar uma cena. Assim o fiz. Ele me disse com sua voz grave e aveludada: - Sua mãe está morta... Sua mãe acabou de morrer... Você nunca mais verá a sua mãe. E eu quero que você coloque tudo pra fora e nos diga o que está a sentir. Sua mãe está morta!

Eu chorei muito. Minha mãe havia morrido! Não conseguia parar de chorar. Saí correndo da sala direto para minha casa, as lágrimas atrapalhavam a minha visão, mas eu só pensava em minha mãe amada morta. E como ele sabia disso? Por que avisaram a ele primeiro e não a mim? Cheguei em casa e fui direto ao quarto da minha mãe, não podia

ser verdade, eu não queria acreditar. Foi aí que pela primeira vez eu a vi com o vizinho... Depois vocês já sabem o que aconteceu.

Eu acho que ela amava de verdade o vizinho... Eu também já amei. Amei muitas vezes. Assistia um ator em cena e me apaixonava. Quando isso acontecia era fiel até o fim da temporada. Não ia assistir nenhuma outra peça. Depois um novo amor. Eis aqui um exemplo: Eu estava a ver uma montagem da peça “Cachorro”. Bem no momento em que acontece a morte da esposa do *Apoprígio*, senti uma ligação entre os atores e a platéia. Depois de um mês a acompanhar a apresentação, falei para eles que sentia uma ligação muito forte entre nós, principalmente nesse momento específico do espetáculo. Eles ficaram felizes, confidenciaram-me que haviam percebido que eu sempre estava na platéia. Papo vem e papo vai, saímos para beber alguma coisa. Era como se já fôssemos íntimos.

Foi a primeira vez que alguém quis escutar minha opinião. Como fui grato por isso, geralmente tenho tanto pra dizer e ninguém para ouvir... Como eles moravam juntos, depois do bar fomos ao apartamento deles. Bebemos e rimos muito e eu até chorei ao falar de como gostava de ver aquela cena. Aí que... No começo foi meio confuso, não era mais virgem, mas com duas pessoas, um casal, a coisa começa bem diferente. Não sabia ao certo até onde poderia ir, nem o que eu estaria a fim de fazer. Eram dois corpos tão distintos anatomicamente, duas energias diferentes, mas que ao mesmo tempo se completavam... E eu ali, entre eles. No começo havia um certo revezamento, cada um usufruía do que queria. Meu corpo não era mais minha propriedade, minhas possibilidades eram exploradas sem que eu percebesse o momento da troca. Fui feliz naquela noite.

Mas pessoas se cansam umas das outras... É difícil quando alguém chega pra você e diz que não quer mais, pior é quando você ainda quer sentir a adrenalina, oxitocina, serotonina, ah a dopamina nem se fala, não é a toa que nos sentimos tão bem. Nosso cérebro produz uma química viciante capaz de criar as ilusões da paixão!

*Vai até o fundo do palco e traz amarrados e amordaçados dois atores. Um rapaz e uma menina. Ambos estão apavorados. Ele coloca um sentado de frente para o outro.*

**AUGUSTO** - Aqui está o nosso casal! Dois jovens bonitos e aparentemente saudáveis. Um clichê! Pois muito bem, estes foram os escolhidos. *(Aproxima-se dos*

atores). Já falei com vocês lá atrás não falei? Disse que se fizessem direitinho acabaria tudo bem, não disse? Será muito simples.

*Ele canta uma canção romântica, enquanto faz os atores atuarem e aproximarem-se. Os atores se envolvem pela cena. Por fim ele tira as mordanças, eles não gritam. Os dois absortos pelo clima beijam-se.*

**AUGUSTO** - *(Para a plateia)* Estão a ver? É isso que acontece! Na nossa vida isso sempre acontece! Você se relaciona, se entrega, diz palavras que ficarão para sempre registradas na SUA cabeça, tem atitudes que na SUA opinião serão significativas na construção de um relacionamento. Então isso! *(Aponta para os dois que ainda estão se beijando)* Mesmo que vocês tenham ouvido frases tão lindas, ou mais do que as suas. Perceberam que as palavras foram ditas por mim? Agora ambos estão aqui, na minha frente. Vão me dizer que isso é teatro. A arte não é criação de algo também real? O que vivemos nesse momento por acaso não é também realidade, a nossa realidade?

Eu amei. Agora a poucos instantes eu amei, aqui na frente dos senhores. Mais um amor ligado à existência dos outros. Difícil para eles alimentarem minhas expectativas? Seria talvez difícil para os senhores? Não podem ao menos retribuir a mim toda essa energia, toda essa doação que eu estou a quase uma hora disponibilizando a vocês?

Enquanto todos aqui acham complicado demais, o tempo passa, coisas ruins acontecem e nós aqui parados, reclamando, gemendo, vendo tudo passar até que não reste mais nada. Tudo, até mesmo nós, até mesmo essa peça terá um fim. Será o fim que todos esperam? Eu não vim aqui para deixar minha apresentação inacabada, mas talvez o público possa me dar outras opções para o grande final. Não sejam como eles, não guardem seus sentimentos para si. Eu só preciso disso hoje, amanhã não estaremos mais aqui. Amanhã eles também não estarão.

*Augusto faz um gesto e os atores correm assustados para fora do palco.*

**AUGUSTO** - Quando entrei hoje de manhã no teatro e me escondi no camarim eu só pedi a eles um momento com vocês, nem que fosse uma pequena participação. Se eu só passasse pelo palco e olhasse nos olhos de cada um, já seria lindo. Eles, mais uma vez, disseram não! Mais uma vez, me humilharam! E onde estão todos agora? Onde? Eu estou aqui! Eu mereço tudo isso, eu mereço a atenção dos senhores, eu mereço cada respiração ofegante, cada susto, cada riso de vocês!

E não, não havia outra forma! Vocês não viriam me ver se eu montasse uma peça de minha autoria, não digam que sim, porque é mentira! Vocês vieram para eles! Eu só queria estar em cena, eu só queria me encher disso tudo que acontece entre quem está aí e quem está aqui. É muito importante mostrar que o meu sonho seria possível, que todas as previsões do Tarô, os Jogos de Búzios, livros de auto-ajuda e os poucos amigos estavam certos... Quantas vezes ouvi minha professora da quarta série dizer que eu seria um grande ator... Que eu faria muito sucesso... Sucesso. Ela disse que ainda me veria no teatro. Vocês estão vendo-a por aí? Será que ela veio me aplaudir no final?

*Ele procura por ela.*

**AUGUSTO** - Não. Não veio. Talvez ela já esteja morta. Sim, morta. Porque as pessoas morrem, sabiam? Eu, vocês, os parentes de vocês, os amigos, os inimigos, até pessoas que vocês nunca conhecerão, morrerão. Eu adoraria morrer em um teatro, vocês não? Uma cena que se tornaria única... Todos falariam desta cena... A grande cena final! Terminaria de vez a cena, a vida do ator... Do público...

*Ao fundo o som de sirenes começa a aproximar-se.*

**AUGUSTO** - Ah, então o público decidiu ser participativo? Alguém de certeza fez uma ligação, ou mandou uma mensagem? Que ótimo! Recebam as minhas palmas! Queriam tanto que chegasse a hora de eu finalmente calar-me!

De certo, durante esse tempo todo esperaram ansiosos pelo meu sangue derramado. Querem o meu fim, querem o término da minha peça na esperança de que eu seja hoje o último ator em cena a morrer! O problema é esse, esperar... Parem de esperar! Eu não esperei, não havia dentro de mim nenhuma possibilidade de esperar nem mais um dia! A espera, a inércia fazem de nós uma grande massa estática, apenas com dedos nervosos a digitar. Serão agentes da digitação? Eu não!

“Aqui estamos, queria chegar a isto: que vocês não devem mais dizer, não devem dizer que têm a sua consciência e que ela lhes basta. Quando agiram assim? Ontem, hoje, há um minuto? E agora? Ah, agora vocês mesmos estão dispostos a admitir que talvez tivessem agido de outro modo. E por quê? Oh, meu Deus, não fiquem pálidos. Será que agora vocês também reconhecem que, um minuto atrás, vocês eram um outro? Sim, sim, meus caros, pensem bem: há um minuto, antes que lhes ocorresse este caso, vocês eram um outro; não só um, mas eram também cem outros, cem mil outros.” (*“Um, nenhum e cem mil” de Pirandello*)

*O som da sirene aproxima-se ainda mais.*

**AUGUSTO** - Este barulho atrapalha, sabiam? Barulhos dos mais diversos podem estragar um grande espetáculo como este! O papel de bala, o toque do telefone, a conversa paralela, a maldita sirene lá fora! Quem foi? Hein? Quem foi o corajoso que teve a infeliz ideia de chamar a polícia? Com que direito alguém aqui pretende impedir o meu sonho? Eu não fiz tudo isso pra que algum de vocês seja capaz de estragar tudo!

*O som da sirene deixa claro que os carros da polícia estão em frente a teatro.*

**AUGUSTO** - Que ódio! Como puderam fazer isso comigo? Acham mesmo que eles podem me parar? Que alguém que não seja eu possa acabar com tudo? *(Ri alto)* Não! O fim é meu! Eu digo quando e como irá acabar! E se eu acabasse com tudo agora? Apertando apenas um botão! Bum! Tudo pelos ares e nunca mais seus conhecidos lá fora os veriam novamente! Bum! Sonhos que jamais serão realizados! Bum! Quem não disse obrigado, desculpa, ou, eu te amo, nunca mais poderá dizer! Bum! Bum! Bum!

*Ouve-se batidas fortes na porta do teatro.*

**AUGUSTO** - Olhem eles também querem entrar. Estão atrasados! Se fosse no espetáculo do Fagundes eles chegariam na hora, porque sabem que no espetáculo do Fagundes não se pode chegar atrasado! Por acaso pensam que sou menos que o Fagundes? Viram? Eles pensam que sou menos que o Fagundes! Isso é hora de se chegar num espetáculo? Eu marquei as nove ouviram bem? Às nove!

*Ouve-se um policial falando do lado de fora.*

**Voz em off de um agente da polícia**- Você está cercado! É melhor se render, antes que alguém se machuque! Eu prometo que você não será ferido!

**AUGUSTO** - Eu não disse que no teatro fala-se mais verdades do que na vida real. Se conseguirem me tirar deste palco, irão ferir-me mortalmente, mais do que cem balas de fuzil. Eles não conhecem a alma de um artista. *(Volta a dirigir-se aos policiais)* Vocês erraram de endereço! Aqui não está a acontecer uma versão teatral do “Tropa de Elite”! Pelo contrário, o espetáculo que se dá aqui precisa de silêncio, de calma!

*Ouvem-se barulhos de tentativa de arrombamento.*

**Augusto**- É isso que se ganha depois de tudo? Pelo visto chegou o momento da despedida. Já se despediram uns dos outros?

*Ele segura o detonador e prepara-se para seu último texto. A luz começa a diminuir.*

**AUGUSTO** - “As vezes digo a mim mesmo, Clov, você precisa aprender a sofrer melhor, se quiser que parem de te punir, algum dia. Às vezes me digo, Clov, você precisa melhorar, se quiser que te deixem partir, algum dia. Mas me sinto velho demais, e longe demais, para criar novos hábitos. Bom, isso nunca acabará, nunca vou partir. *(Pausa)* E então, um dia, de repente, acaba, muda, não entendo nada, morre, ou morro eu, também não entendo. Pergunto as palavras que sobraram: sono, despertar, noite, manhã. Elas não têm nada a dizer. *(Pausa)* Abro a porta da cela e vou. Estou tão curvado que só vejo meus pés, se abro os olhos, e entre minhas pernas um punhado de poeira escura. Me digo que a terra está apagada, ainda que nunca a tenha visto acesa. *(Pausa. A luz apaga por completo)* É assim mesmo. Quando eu cair, chorarei de felicidade.” (“Fim de partida” de Beckett).

Fim